

# Cobertura mediática de África na imprensa europeia, no contexto da II Cimeira UE-África

Mafalda Lobo\*

Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas

## Índice

1	INTRODUÇÃO . . . . .	2
2	Definição da Metodologia . . . . .	5
2.1	Objectivos . . . . .	6
2.2	Hipóteses de trabalho . . . . .	7
2.3	Perguntas de investigação . . . . .	9
2.4	<i>Corpus</i> em análise . . . . .	10
3	Técnicas de Investigação . . . . .	11
3.1	Análise de Conteúdo . . . . .	13
3.2	Definição das unidades de registo e respectivas categorias de análise . . . . .	16
3.3	Observação Participante . . . . .	33
3.4	Entrevista . . . . .	33
4	Apresentação e Discussão dos Resultados . . . . .	34
5	Conclusões . . . . .	63
6	Bibliografia . . . . .	66

---

\*Mestre em Comunicação Social pelo ISCSP – Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, Investigadora do CAPP/ISCSP e doutoranda em Ciências da Comunicação no ISCSP (Comunicação Política).

## Resumo

A II cimeira da UE/África realizada em Lisboa nos dias 8 e 9 de Dezembro de 2007, – no âmbito da *Presidência Portuguesa da União Europeia*, – foi alvo de uma cobertura a nível nacional e internacional que contribuiu para que se falasse de África, – continente muitas vezes “esquecido” nos *media*, – excepto quando são abordadas questões negativas, como por exemplo, devastação, corrupção, má governação, genocídios, conflitos armados, pandemias, catástrofes, entre muitos outros que teremos oportunidade de fazer referência. O objectivo deste trabalho é descrever a imagem de África que nos é dada a conhecer pela imprensa europeia, através do destaque que a mesma dá aquilo que considera relevante e/ou significativo daquele extenso território mundial, no contexto da II Cimeira UE/África.

Em concreto, escolhemos como *Corpus* de trabalho, dois jornais diários nacionais – *Diário de Notícias (DN)*, *Público* e seis jornais diários internacionais – *El Mundo*, *El País* (Espanha), *Le Fígaro*, *Le Monde* (França), *The Daily Telegraph/Sunday Telegraph* e o *The Guardian* (Grã-Bretanha).

Assim, serão aqui apresentados os resultados relativos á análise de conteúdo dos referidos jornais que abarcou o período de quatro dias: de 07 de Dezembro de 2007 até ao dia 10 de Dezembro de 2007. No total foram analisadas 159 peças noticiosas.

**Palavras-chave:** África, *Imagem*, Noticiabilidade, Análise de conteúdo, Imprensa Europeia, II Cimeira UE/África.

## 1 INTRODUÇÃO

O trabalho aqui apresentado versa sobre o tema: *África: tratamento mediático na imprensa europeia*.

A II cimeira da UE/África realizada em Lisboa nos dias 8 e 9 de Dezembro de 2007, – no âmbito da *Presidência Portuguesa da União Europeia*, – foi alvo de uma cobertura a nível nacional e internacional que contribuiu para que se falasse de África, – continente muitas vezes “esquecido” nos *media*, – excepto quando são abordadas questões ne-

gativas, como por exemplo, devastação, corrupção, má governação, genocídios, conflitos armados, pandemias, catástrofes, entre muitos outros que teremos oportunidade de fazer referência.

O objectivo deste trabalho é descrever a imagem de África que nos foi dada a conhecer pela imprensa europeia, através do destaque que a mesma dá aquilo que considera relevante e/ou significativo daquele extenso território mundial, no contexto da II Cimeira UE/África.

Através da história e da cultura, como também através das relações económicas, políticas e comerciais que decorre da colonização, a Europa manteve sempre com o continente africano laços culturais fortes e interesses económicos acrescidos, embora caracterizados sempre por alguma ambivalência, isto porque o “fantasma”, de doador-receptor, ainda consegue aflorar-se nas relações.

O crescimento económico de países como a China, e o próprio fenómeno da globalização, veio chamar a atenção da Europa para alterar a sua estratégia de actuação no que diz respeito à defesa dos potenciais interesses que tenha em África. A primeira tentativa de aproximação entre as duas regiões, a um nível mais político, deu-se aquando da realização da I Cimeira da UE/África no Cairo em 2000, também esta, sob *Presidência Portuguesa da União Europeia*, e desde então, nunca mais se realizou outra Cimeira, embora nesta altura, se tivesse perspectivado um novo encontro para 2003, que nunca chegou a concretizar-se devido à presença do Presidente do Zimbabwe, Robert Mugabe. Nesta altura ambas as partes conceberam estratégias políticas e documentos de orientação destinados a orientar a sua cooperação, incluindo o *Acto Constitutivo*<sup>1</sup> e o *Quadro Estratégico da UA (2004-2007)* e a *Estratégia UE-África de 2005*<sup>2</sup>.

Todos reconheceram que este novo reencontro, a definição de uma nova *Parceria Estratégica*, mais sólida, mais estruturada, implementada através de sucessivos *Planos de acção a curto prazo* com vista a uma cooperação bilateral mais consolidada, era urgente, e houve mesmo quem

<sup>1</sup> Para saber mais sobre o Acto Constitutivo, consultar <[http://www.fd.uc.pt/CI/CE/E/OI/OUA/acto\\_constitutivo-uniao-africana.htm](http://www.fd.uc.pt/CI/CE/E/OI/OUA/acto_constitutivo-uniao-africana.htm)>

<sup>2</sup> Veja Comunicação da Comissão ao Conselho, ao Parlamento Europeu e ao Comité Económico e Social Europeu, de 12 de Outubro de 2005, *Estratégia da UE para África: rumo a um Pacto Euro-Africano a fim de acelerar o desenvolvimento de África*, [COM(2005) 489 final – Não publicado no Jornal Oficial] disponível em <http://europa.eu/scadplus/leg/pt/lvb/r12540.htm>.

lamentasse a demora, “*foram precisos sete anos para que a Europa e África se voltassem a encontrar*”, palavras do Presidente francês, Nicolas Sarkozy<sup>3</sup>. Mas, foi no Cairo que tudo teve início, e foi aqui, que se reatou o diálogo político institucional ao mais alto nível entre a União Europeia e África, encontro este centrado sobretudo na África Subsariana e onde a OUA (Organização da União Africana), actualmente União Africana (UA) e União Europeia (UE), se confrontaram pela primeira vez. Também constituiu um marco na história de África, tanto os países da África do Norte da Parceria Euro-Mediterrânica, como os países da África Subsariana, como parte no Acordo de Parceria de Cotonou, terem sido protagonizados neste encontro.

Qualquer projecto de investigação social tem de passar por uma etapa que é um passo imprescindível para que um trabalho possa ser iniciado com rapidez e coerência: a formulação de uma pergunta de partida. Esta questão inicial não é mais do que “*enunciar o projecto de investigação na forma de pergunta de partida, através do qual o investigador tenta exprimir o mais exactamente possível o que procura saber, elucidar, compreender melhor*” (Campenhoudt e Quivy, 2003:32). Deste modo, a pergunta de partida, irá ser o fio condutor de toda a investigação e vai reflectir em si o objecto que se pretende estudar. Assim, no desenvolvimento deste trabalho mestrado propomo-nos investigar a seguinte questão fundamental: *Considerando que o fenómeno da globalização está a mudar as relações internacionais entre os povos de todo o mundo e que a China avança sobre África com uma nova estratégia, que importância foi dada à II cimeira UE/África pela imprensa europeia e neste contexto, que imagem foi projectada sobre o continente africano?*

A nossa pesquisa procurou contribuir sobretudo para o *estudo da imagem* que foi projectada de África no contexto da II Cimeira UE/África na imprensa europeia, mas, procura também fazer um levantamento do actual estado de relacionamento euro-africano e de que forma a II Cimeira UE/África constituiu uma plataforma essencial para o reforço das relações bilaterais. Assim, debruçámo-nos sobre o modo como a imprensa europeia fez a cobertura da II Cimeira UE/África em Dezem-

---

<sup>3</sup> Discurso de abertura “A Paz e a Segurança”, no âmbito da II Cimeira UE/África em 8/12/2007

bro de 2007 e, conseqüentemente, que tipo de *imagem* foi projectada do continente africano através do tipo de informação difundida.

Com este trabalho, pretendo saber como foi feita a cobertura de imprensa da II Cimeira UE/África, e que tratamento noticioso foi dado a este acontecimento cheio de noticiabilidade. Ao mesmo tempo, e de acordo com o que foi exposto na imprensa, saber que tipo de imagem foi projectada sobre o continente africano.

## 2 Definição da Metodologia

A realidade social construída pelos *media* não é arbitrária. A II Cimeira é paradigmática da quantidade de informação que foi disponibilizada aos jornalistas (documental como em forma de declarações e entrevistas). No entanto, dos 1300 jornalistas presentes na II Cimeira, nenhum jornalista teve acesso à sala de reuniões<sup>4</sup> onde estavam reunidos os 53 chefes de Estado africanos e 27 chefes de Estado europeus mais os chefes de delegação representativos de cada país e as respectivas delegações de cada país. A Líbia foi o país que trouxe a Delegação mais numerosa (200 pessoas).

Este facto pode por si só promover distorções junto da opinião pública, não só pelo acesso restrito dos jornalistas a determinadas fontes, como também, pelo facto de não terem sido observadores directos do acontecimento, por lhes estar vedado o acesso directo à sessão plenária, onde decorreu a II Cimeira.

As duas conferências de Imprensa na sala da Presidência da II Cimeira, foram “utilizadas” pelo poder político, para transmitir os resultados da reunião entre Chefes de Estado e de Governo.

Paralelamente à reunião, foram criadas 30 salas de Conferência de Imprensa (salas de *briefings*) cuja utilização dependia da reserva prévia junto da Organização, nomeadamente através do Oficial de Ligação. O anúncio de *briefings* era feito pela *Organização/Media* através de circuito interno de televisão, a pedido das delegações, salas que acabaram

---

<sup>4</sup> A sala de reuniões (sessão plenária) apenas foi aberta apenas à imagem (as chamadas *pools*), onde estiveram presentes os jornalistas de diferentes revistas, jornais e televisão dos diferentes países.

por não ser utilizadas com excepção de apenas uma – a da delegação do Senegal, que deu duas conferências de imprensa.

Os pedidos de entrevista eram feitos directamente ao Oficial de Ligação, através de uma lista que foi disponibilizada no Centro de Media<sup>5</sup>. Na sessão plenária apenas estiveram presentes as Câmaras fixas da RTP. As restantes câmaras de televisão de outros países, bem como jornalistas e repórteres de jornais e revistas portugueses e estrangeiros, apenas tiveram acesso à sala de reunião, nas oportunidades de imagem – *po-ols*. Os jornalistas só tiveram acesso à informação nas salas de *briefing*. Quando algum líder político, manifestava vontade de falar aos jornalistas, pediam aos seus assessores de imprensa para, por intermédio dos oficiais de Ligação de cada país, contactarem o centro de *media* para requisitarem salas de *briefings* para dar conferências.

Os *media*, são o principal veículo de comunicação política através dos quais a estrutura de poder comunica com a sociedade. Ao mediatizarem o nosso conhecimento das realidades que não conhecemos, propõem-nos determinadas interpretações para essas mesmas realidades, moldando o nosso conhecimento. É nesta perspectiva que vamos averiguar de que modo a imprensa europeia fez a cobertura da II Cimeira UE/África, através da análise de um *corpus* que explicitaremos no ponto 1.4.

## 2.1 Objectivos

Na presente investigação destacam-se os objectivos cruciais condicionados pelo próprio objecto de estudo que servem igualmente de matriz para este estudo relativo à análise da imprensa europeia:

- a) Analisar qual foi a relevância da informação sobre Cimeira UE/África nos jornais seleccionados, ou seja, conhecer no período em análise, o impacto que teve a II Cimeira UE/África na imprensa europeia.

---

<sup>5</sup> No centro de *media*, estavam reunidas as pessoas que prestavam todo o apoio logístico aos jornalistas.

- b) Conhecer os géneros jornalísticos mais utilizados para descrever os acontecimentos;
- c) Conhecer os “*personagens*” privilegiados pelas notícias nacionais e internacionais;
- d) Conhecer as várias Instituições e Organizações que foram referenciadas na imprensa europeia e a mais focada;
- e) Analisar se a II Cimeira UE/África, suscitou na imprensa diferentes pontos de análise;
- f) Conhecer os países que foram mais focados na imprensa por ocasião da II Cimeira UE/África;
- g) Conhecer se se verificam referências mais negativas ou positivas/neutras na difusão da informação sobre a II Cimeira UE/África e sobre África;
- h) Conhecer no período em análise os temas privilegiados pelos diferentes jornais, durante a II Cimeira UE/África;
- i) Avaliar se a crescente influência da China em África constitui uma preocupação política europeia e se a imprensa fez eco dessa situação.
- j) a) Traçar, de forma global, a *imagem* que caracterizou o continente africano na imprensa durante a II cimeira UE/África de acordo com os objectivos atrás enunciados;

## 2.2 Hipóteses de trabalho

Segundo a classificação apresentada por M. Grawitz (1993, *cit. In Cruz, Carla, 2008:209*) vamos empreender um tipo de análise de conteúdo (Quadro 1), essencialmente de verificação, já que vamos ter por base um conjunto de hipóteses que serão verificadas ao longo da análise, que conduz à quantificação dos dados. Contudo, em alguns dos conteúdos

em análise iremos também proceder a um tratamento qualitativo. Assim, propomos sete hipóteses e objectivos de pesquisa para delimitar a nossa investigação.

**Hipótese 1** – “A II Cimeira UE/África teve mais impacto na imprensa portuguesa que na imprensa espanhola, francesa e britânica”;

**Hipótese 2** – “Os diferentes jornais seleccionados, privilegiaram o género jornalístico reportagem no tratamento da informação sobre a II Cimeira UE/África”;

**Hipótese 3** – “Robert Mugabe e Muammar Kadhafi foram os grandes protagonistas políticos na descrição dos acontecimentos que marcaram a II cimeira UE/África”, e a UE foi a organização a que teve mais impacto na imprensa;

**Hipótese 4** – “Os países mais referenciados na imprensa foram por um lado o Zimbabwe e o Sudão devido à forte polémica gerada em torno da violação dos direitos humanos e das crises humanitárias (Darfur) e também a China devido à sua forte presença no continente”;

**Hipótese 5** – “Ao fazerem a cobertura da II Cimeira UE/África, de todos os temas previstos na agenda e tratados durante a II Cimeira, os jornais deram mais relevância às questões relativas ao comércio e integração regional”; (Quadro 2).

**Hipótese 6** – “A II Cimeira UE/África e as questões relacionadas com África e a Europa, suscitaram na imprensa em análise posições mais desfavoráveis do que favoráveis”; (Quadro 3).

**Hipótese 7** – “Os jornais ao fazerem a cobertura da II Cimeira UE/África deram mais enfoque aos aspectos negativos sobre a II Cimeira UE/África, à Europa e a África”; (Quadro 4)

Em todas estas hipóteses avançadas, os objectivos últimos são aqueles que foram enunciados atrás.

### 2.3 Perguntas de investigação

Face às hipóteses apresentadas, aos objectivos delineados vou procurar responder às seguintes perguntas de investigação:

1. Qual é a relevância da informação sobre a II Cimeira UE/África na imprensa portuguesa, espanhola, francesa e britânica?
2. O facto da II Cimeira UE/África, ter sido realizada em Portugal, produziu mais informação no nosso país do que nos restantes países europeus?
3. A quantidade de peças que foram produzidas relativas à II Cimeira UE/África, foi muito diferente nos jornais seleccionados?
4. Quais os géneros jornalísticos que dominaram a informação sobre a II Cimeira UE/África?
5. Quais são os líderes/protagonistas da informação sobre África na II Cimeira UE/África?
6. Qual ou quais são os líderes/protagonistas da informação fotográfica sobre a África?
7. Quais foram as instituições envolvidas na informação sobre a II Cimeira UE/África?
8. Quais foram os temas mais abordados na imprensa?
9. A cobertura da II Cimeira UE/África na imprensa focalizou-se mais nos aspectos negativos, positivos/neutros sobre a II Cimeira UE/África e sobre África?
10. Será que a II Cimeira UE/África suscitou na imprensa, críticas mais desfavoráveis que favoráveis ao continente africano e à própria realização da II Cimeira UE/África?
11. Quais foram os países com mais enfoque na imprensa?
12. A II Cimeira no geral contribuiu para projectar uma *imagem* mais positiva do continente na imprensa?

## 2.4 *Corpus em análise*

Ao escolhermos este tema, tínhamos como objectivo principal, verificar qual foi a cobertura dada à II Cimeira pela imprensa europeia e o tipo de *imagem* que foi projectada sobre África neste contexto. Para que o objectivo pudesse ser cumprido, uma vez que, face aos meios disponíveis, seria impossível analisar toda a imprensa europeia, seleccionamos para o estudo jornais de informação geral, englobando na amostra jornais de referência europeus publicados em Dezembro de 2007. Em concreto, escolhemos como *objecto de estudo* dois jornais diários nacionais – *Diário de Notícias (DN)*, *Público* e seis jornais diários internacionais – *El Mundo*, *El País* (Espanha), *Le Fígaro*, *Le Monde* (França), *The Daily Telegraph/Sunday Telegraph* e o *The Guardian* (Grã-Bretanha). Para além de serem considerados jornais de referência, representam países que foram importantes potências coloniais, como é o caso de França e Inglaterra; pelos fortes laços históricos e culturais que mantêm com África e também por ter sido um dos mais importantes colonizadores de alguns países africanos que fazem hoje parte dos PALOP<sup>6</sup> como foi Portugal; pela proximidade geográfica (Espanha), e sobretudo por ser um dos principais países de destino da maioria dos imigrantes ilegais que vêm de África para o continente europeu. Este *corpus* segundo Laurence Bardin (2006: 96) é definido como “*um conjunto de documentos tidos em conta para serem submetidos aos procedimentos analíticos*”. Desta forma, iremos analisar qual foi o tratamento noticioso dado por cada jornal face à cobertura da II Cimeira UE/África.

No entanto antes de se reunir o *corpus* procedeu-se a uma leitura fluante procurando uma familiarização com os documentos. Depois de escolhidos os materiais, empregou-se segundo Krippendorf (1980:65), “*todo o conhecimento possível para distinguir o material relevante do irrelevante recorrendo a uma selecção objectiva e sistemática*”.

Assim, serão aqui representados resultados relativos à Análise de Conteúdo dos referidos jornais que abarcou o período de quatro dias: de 07 de Dezembro de 2007 (véspera da Cimeira) até ao dia 10 de Dezembro de 2007 (dia após a II Cimeira). Nesse período, foram ana-

<sup>6</sup> PALOP é a designação dada aos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa: Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe.

lisadas dezasseis edições dos jornais diários escolhidos – oito edições dos jornais nacionais, quatro edições dos jornais diários espanhóis, quatro franceses e quatro britânicas. No total foram analisadas 159 peças noticiosas (120 peças, 39 caixas de enquadramento), num total de 88 páginas. Este universo é composto por 68 notícias (46 notícias de abertura, 22 notícias baixo de página), 18 Entrefiletos, 10 Reportagens, 7 entrevistas, 3 Opiniões, 6 Comentários, 3 Análises e 5 Editoriais. Todas estas peças dizem respeito aos acontecimentos que pretendemos analisar. Esta análise permitiu-nos verificar as perspectivas apresentadas pela imprensa antes da realização da Cimeira, e os resultados dos trabalhos apresentados depois da II Cimeira UE-África. Para analisarmos as 159 peças foi utilizada a Análise de Conteúdo, onde *à posteriori* definimos as unidades de análise para cada categoria sujeita à análise. A análise dos dados será feita com base em frequências absolutas e relativas. O objectivo final da análise de conteúdo será efectuar inferências, com base numa lógica explicitada, sobre as mensagens cujas características foram inventariadas e sistematizadas.

### **3 Técnicas de Investigação**

Para procedermos à operacionalização dos conceitos ao longo de todo este trabalho, fizemos uma revisão da bibliografia. A pesquisa bibliográfica é, segundo Carlos Diogo Moreira, o primeiro contacto que o investigador tem com o tema que se propõe a estudar (Moreira, 1994:19-20).

Devido à natureza prática de muita da investigação social, todos os trabalhos de investigação devem conter um enquadramento teórico-conceptual de carácter histórico e contextual. No nosso caso, esse enquadramento esteve ligado às diversas teorias dos *media*, à Ciência Política e às Relações Internacionais que traçou os antecedentes da abordagem que fizemos, apontando as alternativas já experimentadas avaliando a sua eficácia e explicando o motivo pelo qual se enveredou pela pesquisa em causa. Isto implicou desde logo, uma utilização restrita de fontes documentais. No presente trabalho, a pesquisa bibliográfica feita permitiu não só esse primeiro contacto mas, conhecer

também o que é falado e investigado na área, que possa ter articulação com a parte empírica do nosso estudo.

Os documentos que serviram de apoio à percepção das matérias são de diversos tipos e de fontes diferenciadas. Nesta investigação, utilizámos um conjunto de documentação, primária e secundária. As fontes primárias fornecem informação directa e são documentos que foram produzidos pelas pessoas sobre os assuntos que estamos a estudar. No nosso caso utilizámos os artigos de jornais da imprensa europeia que em muitos casos permitiram ter acesso às diferentes visões, percepções, opiniões e contradições sobre a II Cimeira UE/África; discursos oficiais da II Cimeira, publicações de documentos oficiais (*Estratégia Conjunta; Declaração de Lisboa*); sites de internet, revistas especializadas europeias e africanas, conferências de imprensa; Telejornal da RTP1 em *prime-time*, nos dias 7,8 e 9 de Dezembro, e o programa “*Prós e Contras*” da RTP 1 no dia 10 de Dezembro de 2007 (dia após a II Cimeira UE-África). As fontes secundárias foram constituídas por documentos escritos após o acontecimento, ou, por alguém que não o testemunhou na primeira pessoa. Aqui servimo-nos de obras, relatórios, estatísticas oficiais, artigos publicados em revistas especializadas, nacionais e estrangeiras etc.

Sendo o nosso trabalho, um estudo de caso “*abordagem empírica que investiga um fenómeno actual no seu contexto real, quando os limites entre determinados fenómenos e o seu contexto não são claramente evidentes e no qual são utilizadas muitas fontes de dados*” (Yin, 1988, *cit. In Carmo e Ferreira, 2008: 234*), o objectivo deste estudo, prendeu-se com a descrição do acontecimento e os dados recolhidos são de natureza quantitativa, embora, na interpretação dos dados a análise tenha um carácter mais qualitativo, como já foi explicado.

Para a análise do tratamento e enquadramento que foi dada à informação produzida pela imprensa europeia no contexto da II Cimeira UE/África, utilizámos, como já foi referido, a técnica de Análise de Conteúdo, para inferir sobre o sentido exacto do conteúdo dos documentos em causa.

A sua adequação e tratamento na análise descritiva (quantitativa) e também inferencial (qualitativa) dos conteúdos comunicacionais, levou-nos a optar por esta técnica. A perspectiva da análise de conteúdo teve por base as peças jornalísticas dentro do período seleccionado.

A Selecção dos jornais está inserida numa óptica comparativa, ou seja, feita a análise, a nossa prioridade é poder compará-los e, posteriormente verificar se a abordagem que é feita sobre a II Cimeira UE/África, difere muito entre eles, apresentando os aspectos mais relevantes, para que possamos deduzir o tipo de imagem que foi projectada sobre África no conjunto dos jornais europeus analisados.

Ao querermos fazer este tipo de análise, e por ser impossível um estudo intensivo, optámos apenas por verificar qual a quantidade de informação disponibilizada na imprensa e a sua distribuição no interior dos jornais, quais os géneros jornalísticos mais utilizados, os protagonistas políticos mais proeminentes, os países mais focados, as temáticas mais abordadas, o posicionamento crítico das opiniões e o ângulo de abordagem do discurso jornalístico das peças jornalísticas, criando unidades de registo e categorias de análise para examinar as 159 peças.

### 3.1 Análise de Conteúdo

A análise de conteúdo é uma técnica de investigação utilizada em várias áreas, e consiste, segundo Romero (1991);

*“Na utilização de métodos, técnicas e instrumentos que, indistintamente, são usados pelos investigadores da Informação e da Comunicação e tem como objectivos analisar e explicar objectiva, sistemática, quantitativa e qualitativamente as formas e os significados das ideias, palavras, imagens e factos actuais que, protagonizados e difundidos pelo homem podem provocar reacções sociológicas e psicológicas nas audiências que são receptoras daquelas ideias, palavras, imagens e acontecimentos, através de mensagens que são difundidas por qualquer meio de comunicação social” (p.15)*

De forma mais resumida e de acordo com Laurence Bardin (2008: 44), “(...)é um conjunto de técnicas de análise de comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objectivos de descrição

*do conteúdo das mensagens indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens”,* ou seja, de acordo com a aplicação de processos de codificação, categorização e inferência, permite um alcance analítico de natureza quantitativa e/ou inferencial, consoante os objectivos e técnicas de análise.

Na aplicação da análise categorial, para além da codificação, da categorização e da inferência, faz-se recurso a instrumentos conceptuais como as hipóteses e objectivos, as categorias, os indicadores e as unidades de análise. Quanto ao âmbito de aplicação, a análise de conteúdo aplica-se a materiais de qualquer natureza como escrita, oral, pictórica, audiovisual, de entre outras.

Ao analisar de forma quantitativa ou qualitativa as mensagens implícitas ou explícitas no *corpus* de análise, a Análise de Conteúdo, serve para estudar factores que intervêm no processo de comunicação, especialmente o emissor, e para conhecer a estrutura da informação; as tendências dos desenvolvimentos da informação; a fenomenologia da informação; as componentes e características da mensagem e os efeitos previsíveis desta sobre as audiências. Ao analisar através deste processo, melhora-se a qualidade das mensagens levando o público a ser mais crítico e selectivo.

Após termos traçado o objectivo e termos escolhido o objecto de estudo, reunimos o *corpus* de análise. “*O corpus é o conjunto de documentos tidos em conta para serem submetidos aos procedimentos analíticos*” (Bardin, 2008: 122).

A Constituição do *corpus* pressupõe algumas regras: exaustividade, representatividade, homogeneidade e pertinência (Bardin, 2008: 122-124). Ao ter o material seleccionado, tratámo-lo em fragmentos em unidades mais pequenas (recorte das unidades de análise), que são as unidades de análise ou unidades básicas de codificação que podem ser palavras, temas, frases ou até parágrafos. Utilizaram-se unidades de registo e de contexto como medidas de análise do *corpus* seleccionado. Quando estiveram definidas foi preciso estabelecer uma ordem entre elas, existindo algumas regras para esse reagrupamento: uma classificação exaustiva, as categorias devem excluir-se mutuamente (o mesmo elemento não pode pertencer a duas categorias em simultâneo), os crité-

rios de classificação têm de ser pertinentes e concretos e a própria classificação deve ser sistemática e clara.

A análise de conteúdo, enquanto técnica matriz que afere o conteúdo das comunicações, envolve um conjunto de outras sub-técnicas, tais como: a análise categorial, a análise de avaliação, a análise de enunciação, a análise de expressão, a análise de relações e a análise de recursos (Bardin, 2008:117).

Para a elaboração deste estudo optou-se pela tipologia categorial, e consiste em desmembrar o *corpus* em categorias, que são autênticas produções e especificações das hipóteses anteriormente levantadas, tendo como objectivo central “atingir através de significantes ou de significados (manipulados), outros “significados” de natureza psicológica, sociológica, política, histórica, etc. (...) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (...) destas mensagens” (Bardin, 2008: 43-44)

A Categorização de um *corpus* determinado corresponde inicialmente a uma classificação dos elementos que o constituem, sendo que as categorias são “rubricas ou classes”, segundo Bardin (2008: 45), cujos componentes (unidades de registo e enumeração) carecem de uma teorização lógica e adaptação à natureza do material em causa, para que não se produzam quaisquer desvios. As categorias devem “reflectir a questão do investigador e as variáveis que implica” (Gérard Namer, 1976:17), devem ser objectivas e claramente definidas, devem ser exaustivas e excluïrem-se mutuamente.

Com base nesta premissa metodológica, foi criada uma grelha de análise para a apresentação de todas as categorias, indicadores e respectivas unidades de análise procedendo-se de seguida à explicitação de cada uma das categorias e indicadores.

Assim sendo, foram determinadas as unidades de registo e as seguintes categorias para o presente estudo.

### 3.2 Definição das unidades de registo e respectivas categorias de análise

A análise categorial (por categorias) é o mais generalizado no âmbito da Análise de Conteúdo e tem por pretensão “*tomar em consideração a totalidade de um “texto”, passando-o pelo crivo da classificação e do recenseamento, segundo a frequência de presença (ou de ausência) de itens de sentido*” (Bardin, 2008: 38-39). Por outras palavras, as categorias são “*rubricas significativas*”, em função das quais o conteúdo será classificado e eventualmente quantificado. “*é um método taxinómico*” que procura “*introduzir uma ordem, segundo certos critérios, na desordem aparente*” (Bardin, 2008:39).

As categorias são desta forma, consideradas classes que agrupam sob a mesma designação, um conjunto homogéneo de elementos que partilham características comuns. Os estudos serão produtivos na medida em que as categorias se encontrem formuladas em fidelidade ao conteúdo em análise. Cada categoria é composta por um termo chave que indica a significação central. Assim a inclusão e quantificação de um segmento ou unidade pressupõe a detecção dos pressupostos relativos a essa categoria. Como variáveis de análise vamos introduzir as *unidades de registo*, definidas por Laurence Bardin como unidades de “*significação a codificar e corresponde aos segmentos de conteúdo a considerar como unidade de base, visando a categorização e a contagem frequencial. A unidade de registo pode ser de natureza e de dimensão muito variáveis*” (Bardin, 2008:104), uma vez que deve obedecer à regra da pertinência (manter uma relação pertinente com as características do material e com os objectivos da análise).

No presente trabalho optou-se pela definição de Bardin e utilizou-se como unidades de registos tanto as formais como as semânticas, e como unidades de enumeração, a frequência e a direcção. A atenção incidiu sobre a frequência com que determinadas palavras e ideias aparecem no *corpus*, partindo-se do pressuposto que uma determinada unidade pode ser tão mais importante quanto maior é a sua frequência.

No que se refere ao processo de codificação, Bardin (2008: 130-138), define como unidades de registo: a palavra, o tema, o objecto ou referente, o personagem, o acontecimento, o documento e as unidades

de contexto (que podem ser a frase, a palavra e o parágrafo para o tema). Quanto às regras de enumeração, temos a presença (ou ausência), a frequência, a intensidade e a co-ocorrência.

As várias unidades de registo serão, por sua vez, submetidas à regra de enumeração, seguindo algumas vezes a forma de *frequência* (nº de vezes ou tempo que determinada categoria aparece), unidades de ordem quantitativa e, outras vezes, a *direcção* (favorável/ desfavorável e positivo-neutro/negativo, de ordem mais qualitativa).

Segundo Jorge Vala e Maria Benedita, (2000, 114-115), as unidades de análise podem ser divididas em unidades de registo, unidades de contexto e unidades de enumeração. O autor considera que a unidade de registo é o segmento de determinado conteúdo que se caracteriza colocando-o numa dada categoria e identifica dois tipos de unidades de registo: formais (palavra, frase, personagem, entre outras) e semânticas (a mais comum é o tema). Por outro lado, a unidade de contexto é o segmento mais largo de conteúdo que o analista examina quando caracteriza uma unidade de registo e a sua dimensão depende do tipo de unidade de registo escolhida. A unidade de enumeração é a unidade em função da qual se procede à quantificação.

Ainda relativamente à codificação, a classificação ou agregação das categorias (concepção do quadro categorial), com vista à sistematização dos padrões e valores em análise, foram pré-concebidos por nós uma parte – *à priori* – de acordo com o quadro teórico presente e de acordo com as primeiras impressões que a leitura flutuante do *corpus* de estudo sugeriram, e após uma exploração mais aprofundada redefinimos a nossa categorização – *à posteriori*, ou seja, após a codificação passou-se à categorização definitiva do material em análise. O processo de codificação foi efectuado à medida que a investigação foi avançando, sendo que, apenas no final concluímos o seu formato.

A última operação da análise de conteúdo é, naturalmente, o tratamento dos dados que corresponde a um conjunto de operações de organização e sistematização dos dados. É neste sentido que se orienta o presente trabalho. Numa primeira fase optámos pela análise quantitativa, através das categorias definidas, das unidades de análise e unidades de enumeração, em função de cada uma das hipóteses levantadas. Ultrapassada essa fase, enveredamos pela livre interpretação, que não é

mais do que fazer associações, deduções ou inferências, aquilo em que se baseia a análise qualitativa.

Assim, para tornar exequível este trabalho, achamos pertinente a inventariação das seguintes unidades de registo e categorias de análise de acordo com o quadro 1:

**Quadro 1:** Estrutura da Análise de Conteúdo (Categorias e Indicadores aplicado aos jornais Público, Diário de Notícias, El País, El Mundo, Le Figaro, Le Monde, The Daily Telegraph/The Sunday Telegraph, The Guardian nos dias 7, 8, 9, 10 de Dezembro).

Hipóteses	Categorias	Indicadores	Unidades de Análise	Unidade de enumeração
Hipótese 1 – “A Cimeira UE/África teve mais impacto na imprensa portuguesa que na imprensa espanhola, francesa e britânica”.	<b>IMPACTO</b> (variável forma)	1- Peças/caixas de enquadramento 2 - Localização 3 - Primeira página 4 - Posicionamento 5 - Mancha gráfica	1 - Número de peças 2 - Página ímpar / Página par 3 - Manchete, foto, chamada à 1ª página 4 - 1º Plano, 2º plano, página inteira 5 - fotolegenda, infografia, cronologia e ilustração	Frequência
Hipótese 2 – “Os diferentes jornais selecionados, privilegiaram o género jornalístico reportagem no tratamento da informação sobre a II Cimeira UE/África”.	<b>GÉNEROS</b> (variável forma)	1 - Notícia (de abertura) 2 - Notícia (baixo de página) 3 - Breve 4 - Entrefiletos 5 - Reportagem 6 - Entrevista 7 - Artigos (Opinião/Comentário/ Análise) 8 - Editorial	Número de vezes que cada género jornalístico aparece no tratamento da informação.	Frequência
Hipótese 3 – “Robert Mugabe e Muammar Kadhafi foram os grandes protagonistas políticos na descrição dos acontecimentos que marcaram a II cimeira UE/África”.	<b>PROTAGONISTA</b> (variável conteúdo)	1 - Líderes Políticos Africanos 2 - Líderes Políticos Europeus 3 – Representantes de Organizações Internacionais, Regionais e Organizações Não Governamentais (Ong’s)	Número de vezes que estes indicadores (nomes de líderes e organizações), aparecem ou não na Informação/ Foto	Frequência
Hipótese 4 – “Os países mais referenciados na imprensa foram por um lado o Zimbabwe e o Sudão devido à forte polémica gerada em torno da violação dos direitos humanos e das crises humanitárias (Darfur) e também a China devido à sua forte presença no continente”.	<b>PAÍSES</b> (variável conteúdo)	1 - Estados-Membros da UE 2 - Estados africanos 3 – Países candidatos à UE 4 – Outros países	Informação (palavra, frase, tema)	Frequência
Hipótese 5 – “A imprensa europeia ao fazer a cobertura da II Cimeira UE/África, (de todos os temas previstos na agenda e tratados durante a Cimeira), deram mais relevância as questões relativas ao comércio e integração regional”.	<b>TEMA</b> (variável conteúdo)	1 - Paz e segurança; 2 - Governação e direitos humanos; 3 - Comércio e integração regional, infra-estruturas; 4 - Questões-chave sobre o desenvolvimento; acelerar a progressão para a concretização dos ODM (objectivos do Desenvolvimento do Milénio), até 2015; 5 - Energia; 6 – Alterações climáticas 7 - Migração /mobilidade/emprego 8 - Ciência, sociedade de informação, espaço	Informação (palavra, frase, tema)	Frequência
Hipótese 6 – “A II Cimeira UE/África, os temas e as personagens envolvidas no evento suscitaram na imprensa em análise posições mais desfavoráveis do que favoráveis”; Hipótese 7 – “Os jornais ao fazerem a cobertura da II Cimeira UE/África deram mais enfoque aos aspectos negativos sobre África”.	<b>DISCURSO</b> (variável discurso)	1. Favorável/ Desfavorável 2. Positivo, neutro/ Negativo	1. Opinião (palavra, frase, tema) 2. Informação (palavra, frase, tema)	Direcção Frequência

Na categoria **IMPACTO**, limitêmo-nos a localizar as unidades de análise em termos de localização (**página par /página ímpar**), **1ª Página (manchete, foto, chamada à 1ª página)**, distribuição dos artigos

no interior dos jornais (**1º plano, 2º plano e página inteira**) e **mancha gráfica** (fotolegenda, infografia, cronologia e ilustração). O objectivo é o de conhecer qual a importância atribuída à II Cimeira UE/África nas páginas dos jornais dos países em análise. Assim, importa verificar a frequência (medida em número) do conteúdo da informação nas páginas que reflectem os acontecimentos da II Cimeira UE/África. Consideramos que esta variável é representativa da relevância atribuída à informação que foi veiculada, que traduz a importância que cada jornal deu a este acontecimento.

A categoria **GÉNEROS permitir-nos-á** conhecer com mais pormenor a utilização de diferentes géneros jornalísticos para aprofundar as questões abordadas acerca da II Cimeira UE/África. A variável Género define o tipo de peça que caracteriza o género jornalístico do item. Deste modo definimos os géneros jornalísticos mais utilizados na imprensa escrita:

**Notícia (abertura e baixo de página)** é a base de todos os jornais e o mais elementar género jornalístico. Relato desenvolvido e aprofundado de um acontecimento, em geral predominantemente descritivo, embora possa ter facetas analíticas e até opinativas, e que possui, geralmente, citações directas e/ou parafraseadas de outras fontes que não o jornalista. é um género que por vezes, recupera informação antiga para contextualizar os assuntos. Todas as notícias de carácter logístico e de organização da cimeira são excluídas quando estiver em causa a avaliação da direcção do discurso jornalístico. A notícia representa “um texto (...) que representa um acontecimento, respondendo às questões de referência pertinentes no caso (quem, onde, quando, o quê, como porquê” (Cascais, 2001:140). *Notícia de abertura* é a designação atribuída a uma notícia quando queremos destacá-la numa página de jornal, ao passo que *Notícia baixo de página* designa aquela notícia que embora seja importante é destacada num nível “hierárquico” inferior.

**Breve** – Relato sucinto e descritivo de um acontecimento, geralmente não tendo mais de dois ou três parágrafos curtos (entre cinco a dez linhas), com ou sem citações directas e/ou parafraseadas de outras fontes que não o jornalista, e que traz informação nova. Não tem título. Normalmente responde apenas ao quê? Quem? Onde? Quando? (Lagardete, 1998:58)

**Entrefiletos** – é uma notícia curta e factualista. É um pouco maior

que a breve (dez a vinte e cinco linhas) cerca de três parágrafos e já apresenta um título separado do texto por uma linha em branco. “*Trata-se de informar de modo preciso, simples e conciso sobre um facto novo*” (Lagardete, 1998: 58). Responde a todas as questões da breve e ainda acrescenta alguns elementos do porquê? e do como?.

**Reportagem** – Género nobre do jornalismo. Esta categoria integra todo o material recolhido, cuja recolha, selecção e tratamento tenha sido presenciada pelo repórter no local (II Cimeira). A Reportagem na Imprensa está associado a um formato interpretativo, onde a informação está associada à valoração pessoal dos factos. É um género jornalístico que mais se aproxima da noção do “multiperspectivismo” – a procura de uma maior amplitude de enfoques, de pontos de vista. Possui, geralmente, citações directas e/ou parafraseadas de outras fontes que não o jornalista. Utiliza também com frequência “*infografia*” complementar. (Lagardete, 1998: 72).

**Entrevista**<sup>7</sup> – Peça jornalística susceptível de permitir a um ou mais entrevistados dirigirem-se directamente ao leitor através das respostas que dão às perguntas de um jornalista, embora o jornalista oriente a entrevista em função das perguntas que coloca, de forma a trazer a público informação nova e pertinente. Admitiram-se nesta categoria diversos géneros de entrevista: por um lado, entrevistas em “*pergunta – resposta*” ou em “*discurso indirecto*”; por outro lado, entrevistas de declarações, entrevistas de personalidade, entrevistas – inquérito, etc. Geralmente, na entrevista é o entrevistado e não o jornalista que está em foco, pelo que a maior parte do texto tem origem no primeiro (Lagardete, 1998: 75).

**Opinião/Comentário** – Peças jornalísticas interpretativas cuja maioria das orações é de teor analítico ou opinativo, sendo, portanto, normalmente artigos de opinião ou análise, etc. Geralmente, são peças que não trazem informação nova, antes se debruçam sobre dados conhecidos que ainda não tenham sido interpretados e correlacionados. A opinião distingue-se da análise, na óptica de porque as opiniões não necessitam de se fundamentar em factos precisos e rigorosos. A opinião pode, inclusivamente, ser de cariz especulativo e livre. O género jornalístico Editorial, embora também possa ser considerado uma peça

<sup>7</sup> Ver diferentes tipos de entrevistas e métodos de preparação em Jean-Luc Martin Lagardete, Manual da Escrita Jornalística, Editora Pergaminho, Lisboa, 1998.

jornalística de cariz opinativa ou analítica, foi considerado à parte por ser um género mais utilizado por jornalistas que fazem parte dos quadros do jornal para onde exprimem a sua opinião. Todas as notícias de carácter logístico e de organização da Cimeira são excluídas quando estiver em causa a avaliação da direcção do discurso opinativo.

**Análise** – Peça jornalística interpretativa onde a maior parte das orações é analítica, isto é, onde a maior parte das orações serve para interpretar dados factuais, afirmações, etc., que, são disponibilizados sob uma forma descritiva e rigorosa. A análise pode considerar-se, como estando a meio caminho entre a descrição e a opinião, pois a análise baseia-se sempre em factos, que são rigorosamente interpretados e a partir dos quais se extraem conclusões. A análise não tem, necessariamente, uma intenção persuasiva e privilegiadamente argumentativa, tal e qual como acontece num artigo científico. Numa análise, interpretam-se e relacionam-se dados de forma rigorosa e precisa, estruturam-se e organizam-se informações, orientando assim o leitor, como acontece quando se interpretam os resultados de um inquérito ou de uma sondagem no jornalismo de precisão. Todas as notícias de carácter logístico e de organização da Cimeira são excluídas quando estiver em causa a avaliação da direcção da variável Discurso.

**Editorial** – Os editoriais são peças jornalísticas em que o conteúdo expressa a opinião do jornal face a determinado assunto, em que os critérios de imparcialidade ou objectividade não têm de estar presentes.

**Outro** – Peças jornalísticas que misturam diferentes tipologias. Por exemplo, uma reportagem pode integrar uma cronologia histórica dos factos que antecederam o acontecimento, etc.

Na categoria **PROTAGONISTAS**, interessa-nos verificar quem são as personalidades (Chefes de Estado, Chefes de Governo e Ministros) privilegiadas pela imprensa tanto no formato escrito como em imagens. A partir daqui podemos inferir sobre a ausência sistemática de outros líderes que pertencem à realidade do continente africano e europeu. O objectivo é avaliar se a imprensa mediatizou mais algumas personagens em detrimento de outros.

A categoria **PAÍSES**, permitir-nos-á saber quais os países mais referenciados na imprensa no contexto da II Cimeira UE/África. Desta forma conseguiremos saber quais os países “ausentes” do discurso jor-

nalístico e tentarmos perceber as razões. Inclui todos os Estados-Membros da UE, todos os Estados Africanos, os EUA, a Índia, China, Japão.

A opção ‘Outros’ refere-se a outros países que não tenham sido considerados nos anteriores.

Para a categoria **TEMAS**, elaborámos o seguinte quadro com base nas oito parcerias e acções prioritárias que constam do documento *Parceria Estratégica África/UE* aprovados na II Cimeira.

**Quadro 2:** Quadro Conceptual referente ao TEMA aplicado aos jornais (Público, Diário de Notícias, El País, El Mundo, Le Fígaro, Le Monde, The Daily Telegraph/The Sunday Telegraph, The Guardian, nos dias 7, 8, 9, 10 de Dezembro).

Objectivo	Categorias	Indicadores	Unidades de Análise
Identificação das áreas abordadas no debate	Paz e Segurança	1. Criminalidade organizada e terrorismo 2. Tráfico seres humanos e droga 3. Proliferação de armas de destruição maciça. 4. Questões relacionadas com a prevenção, gestão e resolução de conflitos em África	Unidades de Enumeração: - Palavra - Tema
	Governança e Direitos Humanos	1. Promoção da Democracia e do Estado de Direito 2. Problemas de direitos humanos (violação de direitos humanos, crimes de guerra, genocídios e crimes contra a humanidade etc.) 3. Problemas de governação (corrupção e transparência)	
	Comércio e Integração Regional, infra-estruturas	1. Investimento 2. Economia, negócios e comércio justo 3. Reformas e Desenvolvimento 4. Acordos de Parceria Económica (APE)	
	Questões – chave sobre o desenvolvimento (ODM) – “Fixados na “Cimeira do milénio” da ONU” em Setembro de 2000.	1. Pobreza e fome 2. Educação (Ensino básico e universal) 3. Igualdade entre homens e mulheres 4. Mortalidade infantil 5. Saúde materna 6. VIH/Sida, malária e outras doenças 7. Sustentabilidade ambiental, 8. Criação de uma parceria para o desenvolvimento	
	Energia	1. Questões relacionadas com a energia e segurança energética	
	Alterações climáticas	1. Questões relacionadas com as alterações climáticas	
	Migrações, Mobilidade e Emprego	1. Questões relacionadas com Emigração/Imigração, 2. Fluxos migratórios 3. Emprego, mobilidade	
	Ciência, Sociedade de Informação e Espaço.	1. Promoção da utilização das tecnologias de informação e Comunicação (TIC)	

Na variável **Tema**, através do documento *Parceria Estratégica UE/África* definimos as oito parcerias estratégicas em discussão na agenda da II Cimeira.

Esta variável foi criada após terem sido analisados os temas abordados na agenda e serão analisados respeitando a mesma ordem com que foram apresentados na Estratégia Conjunta. Assim classificámos os conteúdos pelos seguintes temas que dizem respeito aos domínios estratégicos prioritários relacionados entre si tal como foi definido no documento:

**Paz e segurança** – Esta categoria integra todos os assuntos relacionados com a importância da paz e da segurança enquanto condições prévias do desenvolvimento político, económico e social. Ambos os continentes lançaram os alicerces de uma cooperação, baseada na necessidade de promover abordagens holísticas das questões de segurança, que vão da prevenção de conflitos ao estabelecimento de uma paz duradoura e à resolução de conflitos e reconstrução pós-conflito, associadas à governação e desenvolvimento sustentável, tendo em vista dar resposta às causas profundas dos conflitos. As duas partes comprometem-se, a partilhar informações, perspectivas e experiências adquiridas e a consultarem-se em questões de interesse comum. Europeus e africanos querem avançar com um sistema continental de alerta rápido de prevenção de conflitos e tornar operacional uma força africana que possa enviar rapidamente, militares para manter a paz no terreno.

O novo paradigma de segurança e defesa caracteriza-se por uma transferência da ameaça global de conflitos armados entre grandes potências e blocos de nível mundial, envolvendo guerras inter-estatais, para conflitos intra-estatais. Estes conflitos proliferam agora a nível regional e envolvem uma multiplicidade de actores, pois tal como afirmou num artigo, Henry Kissinger, (2002: 17), o actual Sistema Político Internacional “*É caracterizado por uma aparente contradição: por um lado, fragmentação e por outro, uma globalização crescente (...)*”. Esta nova tipologia de conflitos regionalizados mas também globalizados, pelas repercussões que têm a nível global, leva a que, cada mais caiba às Organizações Regionais Africanas, um papel mais activo nas dinâmicas da paz e da segurança neste continente, substituindo-se ao Estado que não cumpre com os seus deveres e responsabilidades.

Sob a liderança da UA, a *Arquitectura Africana de Paz e Segurança* (AAPS) tem vindo a ganhar forma e pretende ficar operacional até 2010. É um mecanismo de alerta, prevenção e resolução da conflitualidade em África. A UA é neste momento a pedra basilar da prevenção e da resolução dos conflitos regionais em África. Os mecanismos africanos de construção da paz, manutenção da paz e consolidação da paz estão a ser reforçados aos níveis nacional, regional e continental. Assim, tudo o que diga respeito às questões que envolvam a paz e segurança em ambos os continentes e as instituições e acções desenvolvidas para promover a paz e estabilidade, os mecanismos utilizados, os acordos de paz, os re-

ursos financeiros, as estruturas prevista para o seu alcance, instrumentos de apoio, acções mais preocupantes em matéria de segurança serão consideradas nesta categoria. É importante lembrar, que num continente como África, grande parte dos conflitos<sup>8</sup> resultam do processo de construção, falência e fracasso das estruturas dos estados, pela incapacidade destes assegurarem o desenvolvimento e segurança das suas populações. A inconsistência dos regimes políticos que no período pós colonização (ligado aos movimentos de libertação, de descolonização e de afirmação nacional) não souberam fazer a transição para um estado livre. Um estado débil, com elevado défice de soberania, faz do continente africano o mais conflituoso e perigoso e um motivo de preocupação para o mundo em geral. A insegurança em África afecta por via da globalização a estabilidade mundial, daí a crescente preocupação de múltiplos actores no apoio ao desenvolvimento sustentado e na promoção da segurança em África. A Instabilidade em África verifica-se sobretudo na região Subsariana, que abrange cerca de 80% dos 53 estados africanos, onde as fronteiras traçadas no século XIX não correspondem às actuais fronteiras étnico-culturais vigentes. Para a Comunidade Internacional, a segurança em África é por isso, uma prioridade. A regionalização africana assumida pelos principais actores da globalização africana, as organizações regionais e sub-regionais, podem ser no futuro um factor agregador e de estabilidade no continente africano.

***Governança e Direitos Humanos*** – A promoção da governação democrática e dos direitos humanos constituem um dos elementos centrais do diálogo e da parceria UE/África. Ambos os continentes procurarão unir esforços no sentido de aumentar a eficácia do sistema multilateral, promovendo os valores comuns da democracia, do Estado de direito e dos direitos humanos. Esta categoria engloba todos os aspectos e conceitos da governação incluindo os direitos humanos, os direitos das crianças, a igualdade entre homens e mulheres, os princípios democráticos, o Estado de direito, a governação local, a gestão dos recursos naturais, a gestão transparente e responsável dos fundos públicos, o desenvolvimento e reforma das instituições, a segurança das pessoas, a reforma do sector da segurança, a luta contra a corrupção, a responsabilidade social das empresas e a criação e desenvolvimento das instituições. Os

---

<sup>8</sup> Os recursos naturais do continente africano (diamantes, petróleo, gás natural etc.) em determinada região ou país são geradores de tensões entre grupos.

mecanismos, as instituições envolvidas, os financiamentos, os diversos programas em curso, serão considerados para esta categoria.

***Comércio e Integração Regional, Infra-Estruturas*** – Uma governação económica mais eficaz e o clima de investimento em África, são factores essenciais no desenvolvimento da capacidade económica do continente. O desenvolvimento dos mercados nacionais e a integração regional são indispensáveis para criar mercados maiores e mais integrados, que, a par de uma maior convergência regulamentar, contribuirão para atrair o investimento, aumentar as capacidades produtivas, e por isso, promover o crescimento e desenvolvimento económico sustentável. Nesta categoria consideramos, os objectivos que estão a ser prosseguidos e talvez mesmo já em execução do diálogo UE/África, sobre comércio e integração regional, nomeadamente os Acordos de Parceria Económica (APE) e faremos referência às comunidades económicas regionais envolvidas e aos investidores públicos e privados.

***Questões-Chave sobre o Desenvolvimento: acelerar a progressão para a concretização dos ODM (objectivos do Desenvolvimento do Milénio), até 2015*** – Esta categoria engloba os Objectivos de Desenvolvimento do Milénio (ODM). Da Cimeira do Milénio, realizada no ano 2000, saiu uma Declaração final<sup>9</sup>, materializada no estabelecimento de oito objectivos<sup>10</sup>. Para os países africanos conseguirem manter o crescimento económico e o desenvolvimento social equitativo tal como a UE têm que intensificar os seus investimentos, orientar melhor as suas políticas e cumprir as promessas feitas. A meio caminho entre 2000 e 2015, apoiar os esforços de África para atingir os ODM continua a ser o principal desafio da política externa e da política de cooperação para o desenvolvimento da UE em relação ao continente. Os ODM foram enquadrados numa agenda com prazos a cumprir, metas a alcançar para cada um dos Objectivos e Indicadores. Nesta perspectiva, os esforços devem incidir sobretudo no contributo a dar para alcançar os oito ODM sobre 1) pobreza e fome, 2) ensino básico universal, 3) igualdade entre homens e mulheres e empoderamento da mulher, 4) mortalidade infantil, 5) saúde materna, 6) VIH/SIDA, malária e outras doenças, 7) sustentabilidade ambiental e 8) criação de uma parceria para o desen-

<sup>9</sup> Declaração do *Milénio*, adoptada por 189 Nações.

<sup>10</sup> Lista completa dos 8 Objectivos, 18 metas e 48 indicadores disponível em <<http://www.ipad.mne.gov.pt>>, consultado em 28 de Abril de 2009.

volvimento. Nesta categoria serão vistas todas as acções em curso ou previstas para a promoção dos ODM.

**Energia** – Ambas as partes reconhecem que os desafios energéticos internacionais obrigaram a que a África e a UE passassem a prestar ainda maior atenção à energia sustentável nas suas relações mútuas. Por conseguinte, ambas as partes pretendem reforçar a cooperação e a solidariedade na gestão sustentável dos seus recursos energéticos e continuar a promover o acesso à energia, a segurança energética e a cooperação regional. Esta categoria engloba todas as acções da União Europeia (UE), e de África no sentido de melhorar a utilização dos recursos energéticos. A segurança energética, o acesso a serviços energéticos seguros e a gestão sustentável e eficiente dos recursos energéticos são fundamentais para o desenvolvimento de um país. A parceria neste sector deverá constituir uma plataforma para um diálogo no domínio da política energética entre África e a UE.

**Alterações Climáticas** – A Parceria UE-África sobre Energia, constituirá um quadro a longo prazo para o diálogo político estruturado e a cooperação entre a África e a UE sobre questões energéticas de importância estratégica que reflectam as necessidades de ambos os continentes. O 4º relatório de avaliação regional para África do Painel Intergovernamental sobre as Alterações Climáticas (IPCC), concluiu que África é um dos continentes mais vulneráveis às mudanças climáticas. Existe ainda o perigo de o continente africano ser afectado em termos de segurança alimentar, fenómenos meteorológicos extremos (inundações e secas) e afectado no abastecimento de água o que poderá invalidar todos os esforços em matéria de desenvolvimento. A parceria irá reforçar a cooperação na redução de riscos associados às catástrofes, redução da desflorestação, promoção e distribuição de tecnologias sustentáveis, monitorização através de sistemas espaciais dos efeitos ambientais. Esta cooperação promoverá ainda a criação de empregos, a estabilidade social e desenvolvimento de capacidades de adaptação aos efeitos negativos das alterações climáticas e a sua redução, promovendo assim o crescimento económico. As áreas da segurança alimentar, a agricultura sustentável e a gestão dos solos, a gestão dos recursos hídricos e das pescas serão também abordadas como já fizemos referência.

A Parceria terá em conta as iniciativas africanas, nomeadamente o Programa “*Clima e Desenvolvimento em África*” e a continuidade do

desenvolvimento de instrumentos relacionados com as alterações climáticas, nomeadamente a Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre as Alterações Climáticas, de 1992, o Protocolo de Quioto e também a Convenção das Nações Unidas sobre o Combate à Desertificação.

**Migração /mobilidade/emprego** – A UE e África comprometem-se a debater a imigração ilegal e a lutar contra o tráfico de seres humanos e a facilitar a migração legal. A questão da migração dos trabalhadores qualificados na área da saúde para a Europa tem prejudicado o continente africano na concretização dos ODM pela escassez destes profissionais. A Etiópia é exemplo, onde se estima que anualmente cerca de 80 mil pessoas qualificadas abandonem o continente africano. A criação de empregos em África deverá ser uma prioridade para as duas partes. A UE deverá apoiar África na definição de uma estratégia e de uma política que estimule a criação de emprego no continente. A parceria basear-se-á, na Declaração de Trípoli sobre migração e desenvolvimento e na Declaração e Plano de Acção de Uagadugu sobre o emprego e a luta contra a pobreza.

**Ciência, Sociedade de Informação, Espaço** – A África e a UE reforçarão a sua cooperação na formação de sociedades e economias do conhecimento. Ambas as partes reconhecem que o desenvolvimento da ciência, da tecnologia e da inovação constitui um dos motores do crescimento económico e do desenvolvimento sustentável do continente africano; que a competitividade na economia global está cada vez mais dependente do conhecimento e da utilização de meios inovadores na aplicação das tecnologias modernas, especialmente das tecnologias da informação e da comunicação (TIC); e que, para atingir os ODM (Objectivos de Desenvolvimento do Milénio) será necessário um grande esforço concertado para criar capacidades científicas e tecnológicas em África. Por conseguinte, as parcerias e investimentos que façam evoluir o acesso a infra-estruturas no domínio das TIC, o acesso a um ensino de qualidade, o desenvolvimento da ciência e da tecnologia e de sistemas inovadores em África são cruciais para atingir todos os demais objectivos em matéria de desenvolvimento.

O **DISCURSO** é uma categoria que se baseia na abordagem da técnica da Análise de Conteúdo na sua vertente mais qualitativa e inferencial. Aqui considerámos importante a informação tanto nos textos de opinião como nos textos informativos (peças produtos das rotinas jorna-

lísticas), na abordagem às questões de África e à II Cimeira UE/África, de um ponto de vista mais valorativo.

Pretendemos saber através de palavras, frases, temas, se o enquadramento do discurso jornalístico teve um ângulo mais positivo, neutro ou negativo, ou seja, termos que pelo seu significado e carga semântica ou no contexto em que foram enunciados, tenham um valor ou entendimento positivo/neutro ou negativo, e, por outro lado, saber se o discurso opinativo assumiu um tom mais favorável/desfavorável, ou se quisermos mais optimista ou mais pessimista relativamente às questões africanas e à própria concretização da II Cimeira UE-África.

A conotação positiva-neutra e negativa foram analisadas apenas no texto jornalístico (peças de carácter informativo, descritivo), constituídas, predominantemente, por notícias e reportagens, e o discurso favorável/desfavorável analisados nas peças analíticas e opinativas.

É importante referir que algumas frases podem ser compostas de unidades linguísticas negativas e terem uma orientação positiva, como por exemplo “*luta contra a corrupção*” ou “*lutar contra a imigração clandestina*”, i.e., uma opinião ou informação pode ser positiva, neutra ou favorável e conter aspectos negativos na sua elaboração. Por outras palavras, a frase pode ser envolvida por um contexto positivo de incentivo ou manifestação de apoio, ou, expressar uma declaração de mudança que pode ser reforçada com a utilização de verbos. Nesse caso, consideramos como positiva/neutra ou favorável. O mesmo se aplica ao negativo e desfavorável.

O Quadro conceptual da análise da categoria discurso (Quadros 3 e 4), sintetiza deste modo, a orientação ou intenção conotativa que certas palavras-chave ou frases foram proferidas na imprensa no contexto da II Cimeira UE/África e que geram um tipo de discurso (através de um conjunto de referentes) que traduzem os indicadores que decorrem dos objectivos de análise definidos. Importa referir que estes indicadores foram definidos *à posteriori* após uma segunda “*triagem*” de todos os elementos presentes nos textos informativos e opinativos passíveis de serem enquadrados nas respectivas categorias.

Este tipo de análise será diferente da análise do Discurso (AD). A análise do Discurso explica com termos das gramáticas modernas, as estruturas da superfície, ou seja, palavras, frases, períodos ou recursos estilísticos, mais as estruturas semânticas subjacentes e explica as suas

implicações, pressuposições e conexões estratégicas implícitas nos discursos. No nosso estudo não iremos utilizar este tipo de análise porque não nos interessa quem diz o quê, a quem se dirige e que significado tem aquilo que se escreve. Não é nosso propósito, por isso, identificar subjectividades, intencionalidades e potencialidades possivelmente presentes nos recursos linguísticos utilizados, a utilização de expressões substantivadas e adjectivos que demonstrem tendência para a negatividade ou positividade, interessando apenas a orientação ou intenção do discurso independentemente dos qualificativos. No relato descritivo das notícias, a procura de ideologias e revelação de etnocentrismos não serão considerados no nosso estudo.

**Quadro 3:** Quadro Conceptual referente ao DISCURSO OPINIÃO favorável /desfavorável aplicado aos jornais (Público, Diário de Notícias, El País, El Mundo, Le Fígaro, Le Monde, The Daily Telegraph/Sunday Telegraph, The Guardian nos dias 7, 8, 9, 10 de Dezembro).

	Indicadores de análise	Unidades de análise (exemplos.)
<b>DISCURSO OPINIÃO Favorável</b>	1) África	"Angola (...), país mais promissor do continente"
	2) Europa	"Europa virou a página".
	3) II Cimeira UE/África	"Mugabe (...) uma voz isolada".
	4) Relações entre a Europa e África	"Abordagem multilateral", "mudança de paradigma".
	Indicadores de análise	Unidades de análise (exemplos)
<b>DISCURSO OPINIÃO Desfavorável</b>	1) África	"África é um problema de Estados falhados e de proliferação nuclear", "de fundamentalismo islâmico", "seis milhões de refugiados".
	2) UE (Europa)	"Não é fácil para a UE ter uma política comum e uma abordagem unificada para realidades tão diferentes".
	3) II Cimeira UE/África	"O passado colonial ainda ensombra a cimeira da viragem".
	4) Relações entre a Europa e África	"O que de mais substantivo se podia concluir em Lisboa – os APE (Acordos de Parceria Económica), ficaram por assinar".

**Quadro 4:** Quadro Conceptual referente ao DISCURSO INFORMAÇÃO positivo/neutro, negativo aplicado aos jornais (Público, Diário de Notícias, El País, El Mundo, Le Figaro, Le Monde, The Daily Telegraph/Sunday Telegraph, The Guardian nos dias 7, 8, 9, 10 de Dezembro).

DISCURSO INFORMAÇÃO	Indicadores de análise	Unidades de análise (exemplos)
	Positivo/neutro	1) África 2) Europa 3) II Cimeira UE/África 4) Relações entre a Europa e África
DISCURSO INFORMAÇÃO	Indicadores de análise	Unidades de análise (exemplos)
	Negativo	1) África 2) Europa 3) II Cimeira UE/África 4) Relações entre a Europa e África

De seguida passamos à explicitação de cada um dos indicadores da Categoria Discurso tanto para a Opinião como para a informação:

1. **África** – Neste indicador vamos considerar em todas as peças jornalísticas e opinativas, frases e expressões cujo ângulo dominante ou tema é tendencialmente positivo ou neutro; negativo (ângulo dominante das peças); favorável e desfavorável em relação a África (ângulo dominante das peças opinativas). Importa referir que esta análise referente ao ângulo dominante pode ser em alguns momentos subjectiva. Interessa-nos o tipo de discurso onde seja abordada África no seu todo, a referência a personalidades africanas, conflitos etc., e o discurso favorável ou desfavorável acerca dos mesmos itens, mas que sejam apenas enunciados por analistas políticos, comentadores, especialistas em assuntos africanos etc. A definição da orientação dos artigos de opinião, análise e editoriais foi feita através da direcção discursiva presente no texto. Assim sendo, e como já foi referido, as opiniões foram consideradas desfavoráveis quando o texto se centrava predominantemente nos aspectos negativos do acontecimento, ou seja, na essência da II Cimeira UE/África. Uma opinião favorável poderia também referir aspectos negativos, embora estes fossem envolvi-

dos por um contexto positivo, de incentivo ou manifestação de apoio.

2. **Europa** – Discurso jornalístico/opinativo que aborde acontecimentos que envolvam a Europa, pessoas individuais e colectivas do continente, acções de pessoas individuais e colectivas de um dos continentes sobre o outro continente, acções favoráveis ou desfavoráveis de políticas de um continente sobre outro continente; discurso favorável, desfavorável de líderes europeus acerca de líderes africanos, citações de líderes políticos; importância da Cimeira para o continente africano.
3. **II Cimeira UE/África** – Discurso jornalístico/opinativo cujo ângulo dominante ou tema seja referente à II Cimeira UE/África, aos objectivos da sua realização, sobre os temas e personagens, agenda política da Cimeira.
4. **Relações entre a Europa e África** – Discurso cujo ângulo dominante ou tema contribua para o estreitamento das relações entre a Europa e África, como por exemplo uma notícia sobre acordos comerciais, *Estratégia Conjunta*, cooperação. Este indicador diz unicamente respeito às relações estabelecidas entre os dois continentes no plano de cooperação para o desenvolvimento. Consideramos aqui tudo o que seja dito de forma positiva/neutra ou negativa e que diga respeito aos dois continentes.

Na definição das categorias seguimos o princípio da exclusividade, homogeneidade, pertinência, objectividade e fidelidade e produtividade (Bardin: 2008:147-148). No que respeita à regra de enumeração ou de classificação, vamos utilizar a frequência e a direcção como já tínhamos definido anteriormente. A frequência, visa resultados mais descritivos e vai representar quer valores absolutos (número de vezes que cada variável aparece), quer valores relativos (parte em percentagem relativa a cada uma das variáveis em análise). A direcção, será obtida através de uma análise inferencial. Embora já existam muitos programas de computadores para tratar a análise de conteúdo na vertente quantitativa, no nosso trabalho não recorreremos a nenhum programa, por termos de recorrer também a análise qualitativa.

### 3.3 Observação Participante

Todas as pesquisas de *newsmaking* têm em comum a técnica da observação participante. Os dados são recolhidos pelo investigador presente no ambiente que é objecto de estudo, quer pela observação sistemática de tudo o que aí acontece, quer através de conversas, mais ou menos informais e ocasionais, ou verdadeiras entrevistas com as pessoas que põem em prática os processos produtivos. O Observador pode ter uma atitude mais ou menos passiva na cena social, isto é, o observador pode interagir menos com os indivíduos analisados como pode ter uma atitude mais participativa e integrada. No nosso caso a interacção restringiu-se à observação dos jornalistas que motivou a captura do acontecimento no espaço onde decorreu a II Cimeira UE/África, sendo o acesso aos líderes políticos envolvidos mais restrito e limitado a apenas a alguns jornalistas que previamente já tinham estabelecido contacto com os respectivos Assessores de Imprensa, ou que o fizeram no decorrer dos trabalhos da II Cimeira através dos Oficiais de Ligação. A outra forma de contacto foi feita com os chefes de delegação através de pequenas conferências de imprensa nas *salas de Briefing*. A observação durou dois dias que correspondeu ao tempo de duração da II Cimeira UE/África. O processo de selecção e produção de notícias, passou obviamente pela redacção dos jornais a que não tivemos acesso, não só por falta de tempo, mas também porque não fazia parte do objecto de estudo, no que diz respeito à parte empírica, sendo este processo de *newsmaking* sido explorado apenas teoricamente para enquadramento da nossa análise.

### 3.4 Entrevista

A Entrevista qualitativa, como a própria designação indica, é uma técnica de investigação qualitativa. É uma técnica muito utilizada em estudos de investigação científica. São vários os tipos de entrevistas: estruturada ou padronizadas, semi-estruturadas e não estruturadas (Moreira, 1994:113). Na presente investigação, a utilização de entrevistas trouxe a mais-valia de podermos saber com mais detalhe, quais foram os grandes objectivos da realização desta nova Cimeira no contexto da *Nova*

*Ordem Mundial*, a importância que representou para o fortalecimento das relações entre a UE e África e quais os resultados que se esperam ver alcançados com a definição destes novos objectivos, agora concretizados em *Planos de Acção*. Para isso entrevistámos o actual Ministro dos Negócios Estrangeiros, o Dr. Luís Amado.

A opinião de um grande pensador e político português, que esteve durante muito tempo ligado às questões africanas, foi um contributo importante para o entendimento deste novo tipo de relações, que se estabeleceu entre a Europa e África através da realização da II Cimeira, e por isso entrevistámos o professor Doutor Adriano Moreira.

A opinião de um jornalista especialista em assuntos africanos revelou-se também importante para o nosso trabalho, e daí a entrevista ao jornalista Jorge Heitor, do *jornal Público*, que tem acompanhado os principais acontecimentos, que têm marcado o continente africano desde as independências.

Para o desenvolvimento desta investigação e tendo em conta as hipóteses e o problema de pesquisa a que se queria responder, foi escolhida a entrevista semi-estruturada. Esta técnica não apresenta um formato tão rígido e, como refere Carlos Diogo Moreira, o entrevistador “(...)faz sempre certas perguntas principais mas é livre de alterar a sua sequência ou introduzir novas questões em busca de mais informação”. Por outro lado, e como o mesmo autor refere, este tipo de entrevistas é muito útil como “*estratégia de descoberta*” (Moreira, 1994:133-134), o que neste caso é particularmente importante, porque permite também ao entrevistado uma certa liberdade. Foi isso que aconteceu. Através das perguntas que definimos inicialmente para os entrevistados, acabámos por dar liberdade nas respostas e isso permitiu-nos obter informação adicional útil que contribuiu para a compreensão do assunto que investigámos.

## **4 Apresentação e Discussão dos Resultados**

Nesta parte iremos proceder à análise e explanação dos dados empíricos das peças jornalísticas sobre a II Cimeira UE/África abrangendo aspectos formais e de conteúdo de acordo com a estratégia metodoló-

gica que propusemos. Deste modo, a organização dos resultados irá ter em conta todos os dados relativos a cada uma das variáveis e a cada um dos jornais europeus. Os totais gerais são apresentados em gráficos, no seguimento da apresentação e discussão dos resultados).

A pesquisa conducente à obtenção de respostas para as perguntas de investigação formuladas permitiu o levantamento de diversos dados quantitativos. Para a decomposição e exploração dos resultados da análise de conteúdo, foi pertinente avaliar primeiramente o seu âmbito mais quantitativo, como forma de dar uma noção mais englobalizante, para passarmos depois para um âmbito mais qualitativo e aprofundado, isto é, os dados levantados serão conjugados dentro da contextualização jornalística proveniente da leitura da imprensa e de bibliografia utilizada no âmbito deste trabalho.

Após o enquadramento temático necessário à compreensão do problema de pesquisa e da aplicação da técnica da Análise de Conteúdo, podemos avançar para as seguintes conclusões finais desta investigação.

Utilizámos duas categorias referentes à forma (impacto e género), três categorias relativas ao conteúdo (protagonistas, países e temas) e uma variável referente ao Discurso (ângulo de abordagem do discurso jornalístico e opinião)<sup>11</sup>. A análise dos dados foi feita com base em frequências absolutas e relativas. As tabelas foram feitas em Word pela autora desta dissertação. Não foi utilizado nenhum programa SPSS, sendo os dados calculados manualmente. Os dados foram sistematizados em tabelas.

Pretende-se com este trabalho encontrar resposta à pergunta – *Considerando que o fenómeno da globalização está a mudar as relações internacionais entre os povos de todo o mundo e que a China avança sobre África com uma nova estratégia, que importância foi dada à II cimeira UE/África pela imprensa europeia e neste contexto, que imagem foi projectada sobre o continente africano?*

**Partindo da primeira hipótese do nosso trabalho:** “A Cimeira UE/África teve mais impacto na imprensa portuguesa que na imprensa espanhola, francesa e britânica”, podemos deduzir os seguintes dados relativamente ao indicador número de peças/caixas de enquadramento. Aqui incluímos nas peças (as notícias) mais as caixas de enquadramento (também designadas de notícias), mas num formato diferente. Por con-

---

<sup>11</sup> Veja Quadro 4, p.29

seguinte, quando nos referirmos às peças, estamos a considerar também as caixas de enquadramento.

Para as categorias de análise desta hipótese e para cada grupo de jornais correspondentes a cada país, fizemos uma contagem do número de peças, da página par/ímpar, das notícias que apareceram na primeira página, (texto escrito e fotografia), que contemplam as chamadas à primeira página e sua distribuição no interior do jornal, considerando aqui o 1º e 2º plano. Considerámos todos os géneros jornalísticos: notícias, reportagens e opiniões (análise e editoriais). Não considerei os aspectos gráficos, que constituem um complemento da informação, por não considerar relevante para os resultados que pretendíamos analisar.

Deste modo, entre os dias 7 e 10 de Dezembro de 2007, todos os jornais analisados fizeram referência à II Cimeira UE/África. Podemos verificar no gráfico 1, que ao todo foram publicadas 159 peças. O *Diário de Notícias* foi o diário que mais peças publicou 73 peças (46%), o *Público* 52 peças (33%); o *El País* com 11 (7%); o *El Mundo*, 6 peças (4%); o, *The Guardian* com 6 peças (4%) também, o jornal *The Daily Telegraph/The Sunday Telegraph*<sup>12</sup>, 4 peças (2,5%); *Le Monde*, 4 peças (2,5%); *Le Figaro*, 3 peças (2%)

O número total de peças jornalísticas em todos os jornais suplantou as caixas de enquadramento com um total de 120 contra 39.

Verifica-se uma diferença considerável entre o *Público e Diário de Notícias* dois diários de referência (a Imprensa de referência tem como público-alvo a opinião pública dirigente e os seus conteúdos estão centrados na política nacional e internacional, na economia e na cultura), onde tanto o *DN* como o jornal *Público*, através de um ângulo de abordagem mais analítico e explicativo, tiveram um cuidado acrescido com o enquadramento e aprofundamento dos temas.

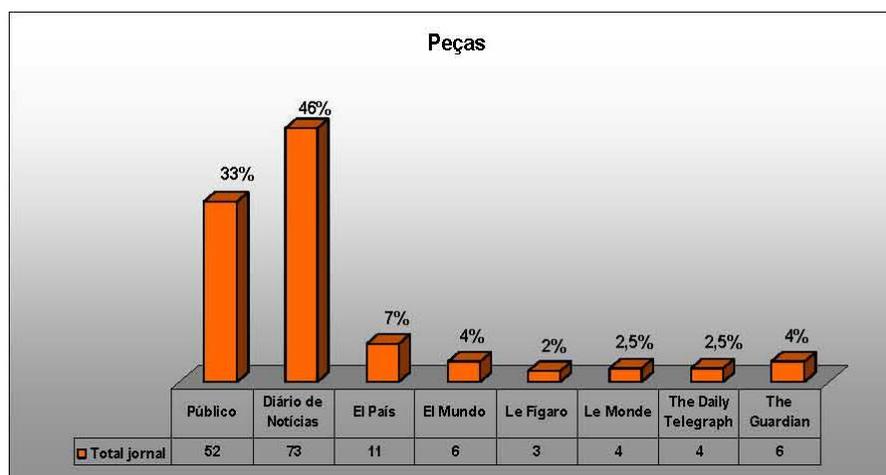
Sendo a II Cimeira UE/África um acontecimento já *agendado*, (logo previsível), a planificação regulada pela agenda e pelas *deadlines* permitiram que já houvesse conteúdo para desenvolver e por isso a imprensa, nomeadamente a portuguesa, distingue-se da restante imprensa na contextualização dos temas.

Os dois jornais de referência espanhóis publicaram poucas peças sobre a II Cimeira, o *El País* 11 (7%) e o *El Mundo* 6 (4%), mas, este dado

<sup>12</sup> Sunday Telegraph é a edição de Domingo do Jornal *Daily Telegraph* do dia 9/12/2007.

não significa que tivessem dado pouca importância ao acontecimento. Simplesmente o número de páginas atribuído ao acontecimento foi menor, porque, ao contrário da imprensa portuguesa não houve a preocupação de aprofundar temas ou explicitá-los. Aqui também o critério da “proximidade” justifica a “relevância” dada à II Cimeira, mas a atenção dos jornais espanhóis centrou-se sobretudo na questão do controlo dos fluxos migratórios em direcção à Europa, que afecta de forma significativa o país, e como veremos mais adiante, no tratamento dado aos temas, foi dada grande ênfase ao fenómeno das migrações. A imprensa francesa deu também pouca ênfase à II Cimeira em número de peças: *Le Monde* 4 peças (2,5%) e o *Le Figaro* com 3 peças (2%). O enfoque maior foi dado à visita que se iria realizar no dia 10 de Dezembro de 2007 (dia após a II Cimeira) de Muammar Kadhafi a Paris. A imprensa francesa aproveitou ainda para fazer referências à força de segurança europeia – EUFOR, (nomeadamente o *Le Figaro*), de que faz parte a França, e que se encontra no Chade a proteger a população refugiada da região do Darfur e também a do país vizinho – Chade. Esta força tem causado muita polémica, por ser acusada por Bashir de ser uma força predominantemente francesa. Vejamos o gráfico resumo.

**Gráfico 1 – Peças/caixas de enquadramento**



Para além do número de peças, também se pode analisar, através da localização das páginas no interior do jornal, se estas são maioritaria-

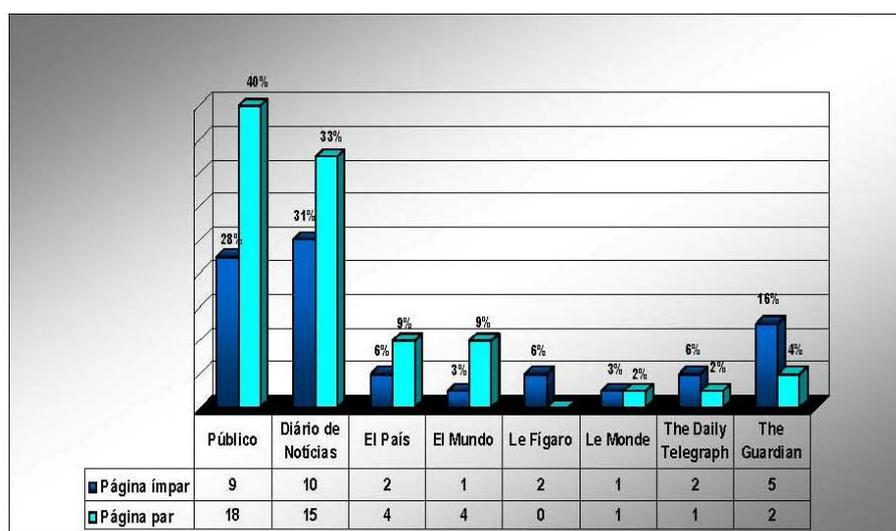
mente pares ou ímpares. Relativamente à imprensa em análise, num total de 77 páginas, verificamos que no jornal *Público*, 18 encontram-se na página par (40%), no *Diário de Notícias*, 15 são pares (33%) um valor ligeiramente inferior. Estes valores são substancialmente diferentes no que diz respeito à inserção das notícias nas páginas ímpares. Os dois jornais colocaram as peças jornalísticas maioritariamente nas páginas pares.

Nos jornais espanhóis, o *El País*, do total de 6 páginas, 4 são pares (9%) e no *El Mundo*, do total de 5 páginas, 4 também são pares (9%) o que mostra a predominância da informação também nas páginas pares.

Na imprensa francesa, o *Le Fígaro* e o *Le Monde* com um total de 2 páginas cada um, a predominância, no *Le Fígaro* vai para a página ímpar, com um total de 2 representa (6%), ao passo que, no *Le Monde*, divide-se entre uma página par (3%) e uma ímpar (2%) do total de páginas ímpares e pares.

Quanto aos jornais britânicos podemos verificar que a predominância da informação vai para as páginas ímpares (7), contra (3) pares. Assim o *The Daily Telegraph/The Sunday Telegraph*, de um total de 3 páginas (4%), 2 são ímpares, e o *The Guardian*, de um total de 7 páginas (9%), 5 são também ímpares. As páginas ímpares foram deste modo, as mais escolhidas pelos dois jornais para a descrição dos acontecimentos. Comparativamente, podemos concluir que os jornais portugueses e os espanhóis ao contrário dos jornais franceses e britânicos escolherem maioritariamente as páginas pares para a descrição do acontecimento. Vejamos o gráfico resumo.

Gráfico 2 – Localização das peças



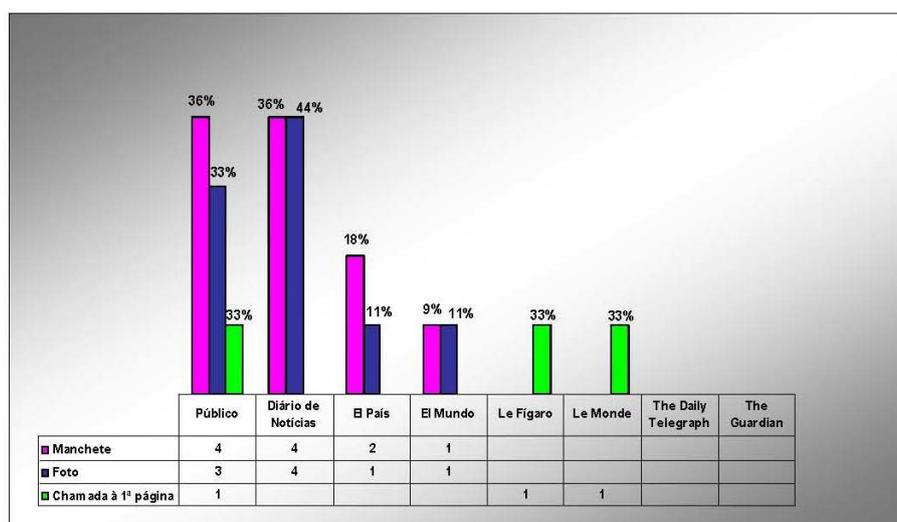
Relativamente ao indicador, primeira página, (gráfico 3), que representa a importância que cada jornal dá a um acontecimento (proeminência da peça), verificamos que na imprensa portuguesa, tanto no *DN* como no *Público* mostrou um equilíbrio no destaque dado à II Cimeira na unidade de análise manchete (4-36%) em ambos os jornais. Neste item foram considerados as chamadas de atenção na manchete, as fotos e ainda as chamadas à primeira página.

Na restante imprensa europeia estes elementos não foram significativos, com a ressalva do Jornal *El País* (2-18%) e o *Le Monde* (1-9%), por terem sido os únicos jornais europeus, a fazerem referência na manchete à II Cimeira UE/África em Lisboa. No indicador primeira página, a manchete destaca-se com 11% no total de todos os jornais, seguido da foto com 9%, e a chamada à primeira página com apenas 3%. As fotos foram utilizadas apenas nos jornais portugueses *Público* (4-44%), *DN* (3-33%) e nos jornais espanhóis *El País* (1-11%) e *El Mundo* (1-11%).

Nos jornais franceses (*Le Fígaro* e *Le Monde*), e nos diários britânicos (*The Guardian* e *The Daily Telegraph/The Sunday Telegraph*), não há referências à II Cimeira na manchete, nem utilização de fotos no período em que decorreu o evento. Ao contrário do *El País* e do *El Mundo*,

do *The Guardian* e *The Daily Telegraph/The Sunday Telegraph* e também do *Diário de Notícias*, só os jornais franceses e o *Público* fizeram uma chamada à primeira página relativa à II Cimeira UE/África.

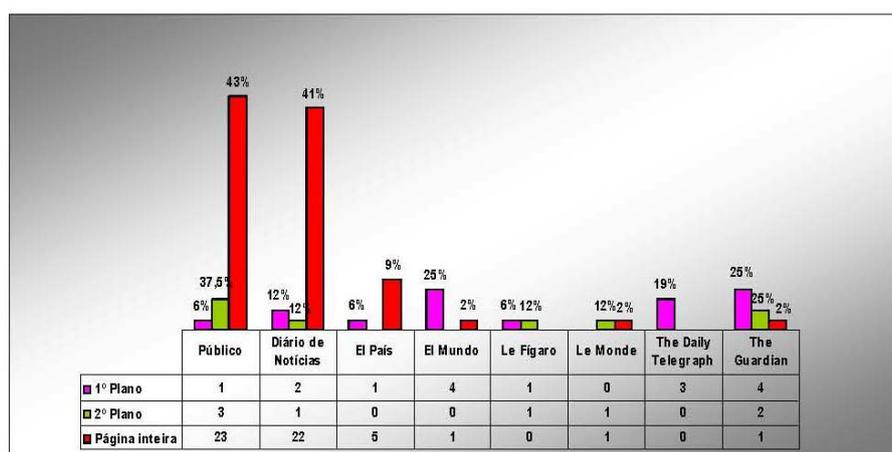
**Gráfico 3 – Primeira página**



Quanto “a distribuição dos artigos no interior dos jornais (espaço) escolhidos para este estudo, a utilização da *página inteira* predomina em todos eles. No total de todos os jornais seleccionados verificamos que a página inteira representa 53%, o 1º plano (16%) e o 2º plano e apresenta 8% (veja gráfico 4). Se analisarmos esta distribuição por jornal, verificamos que o jornal *Público* utilizou 3 vezes o 2º plano, (37,5%), do total dos jornais com utilização do 1º plano e o *DN* utilizou 2 vezes o 1º plano (12,5%) no total de todos os jornais com a utilização do 2º plano. No entanto a utilização nos dois jornais portugueses, a página inteira foi mais utilizada, sendo que o *Público* utilizou mais vezes esta página (23-43%), e o jornal *Diário de Notícias* apresenta os valores (22-41,5%). O jornal *El Mundo*, foi o que utilizou mais o 1º plano, num total de 4 vezes (25%) por comparativo com o *El País* (6%). Não foi utilizado o 2º plano em ambos os jornais. Nos jornais espanhóis, o *El País*, utiliza também a página inteira mais vezes para descrever os acontecimentos que marcaram a II Cimeira, (5-9%), contra (1-2%) no

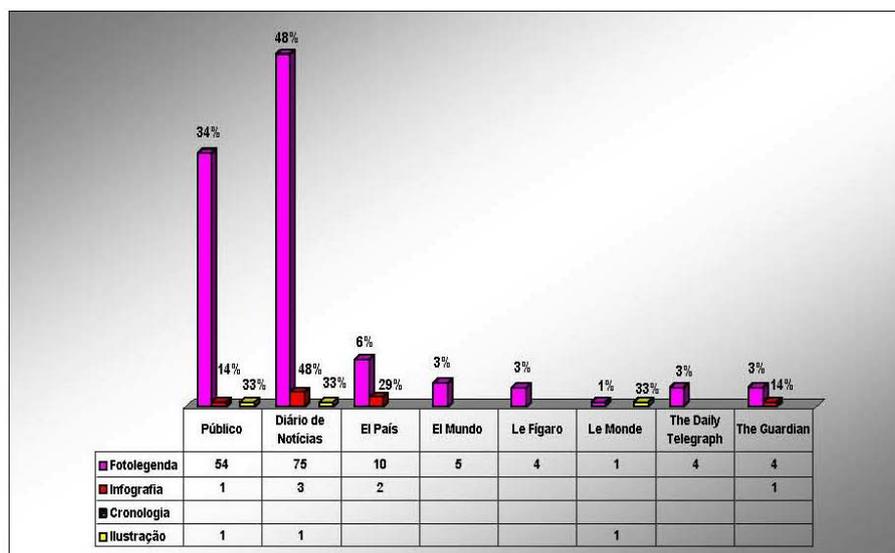
1º plano do jornal *El Mundo*. O Jornal *Le Fígaro* optou por noticiar a II Cimeira tanto no 1º plano (1-12,5%) como no 2º plano (1-12,5%), e o Jornal *Le Monde*, utilizou o 2º plano (1-12,5%) e a página inteira (1-2%) no total dos jornais analisados. Os jornais britânicos *The Daily Telegraph/The Sunday Telegraph* e *The Guardian* utilizaram sobretudo o 1º plano para apresentarem as suas notícias, com (4-25%) e (3-19%) respectivamente. A metade superior da página capta mais a atenção da opinião pública do que a metade inferior, e neste caso é visível que a maioria dos artigos se encontra ou na metade superior da página (1º plano) com 16 referências ou página inteira com 53 referências no total dos jornais analisados.

**Gráfico 4 – Distribuição artigos no interior jornais**



Por fim quanto à mancha gráfica (fotolegendas, infografia, cronologia e ilustração), podemos verificar, que as fotolegendas foram o item mais utilizado, sobretudo nos Jornais, *Diário de Noticias* (75-48%) e *Público* (54-34%). O jornal *El País* também recorreu às fotolegendas (10-6%), o *El Mundo* (5-3%), o *Le Fígaro* (4-3%), o *The Daily Telegraph/The Sunday Telegraph* (4-3%), o *The Guardian* (4-3%) e o *Le Monde* (1-0,6%). No total da mancha gráfica, verificamos que, a fotolegenda foi o item mais utilizado em todos os jornais, com um total de 157, contra 7 da infografia, e 3 da ilustração. Não foi encontrada nenhuma cronologia. Entre todos os elementos que compõem a mancha gráfica o destaque vai para a fotolegenda. Vejamos o gráfico resumo.

Gráfico 5 – Mancha gráfica



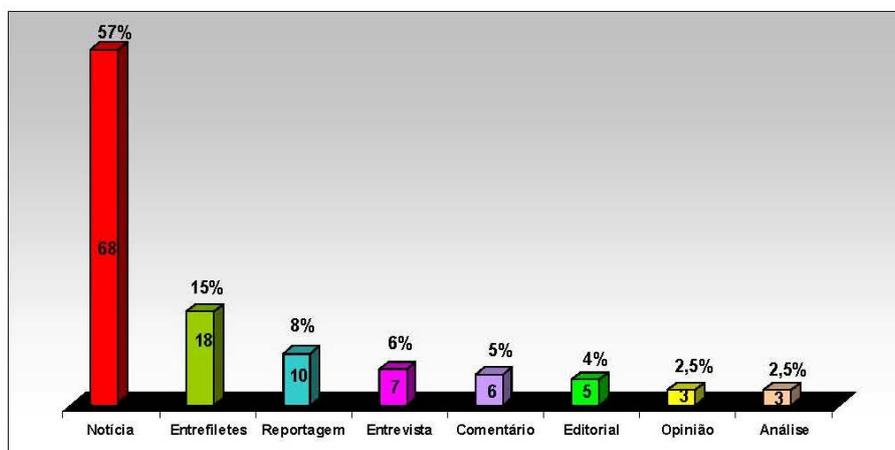
Em resumo, verificamos que a II Cimeira UE/África teve mais impacto na imprensa portuguesa, que na restante imprensa europeia (Jornal *Diário de Notícias* (73) e *Público* (52)). Esta conclusão fundamenta-se não só no número de peças jornalísticas dedicadas ao evento, como também no número de páginas, *jornal Público* (27) e *Diário de Notícias* (25) na localização das peças, *jornal Público* (18) e *Diário de Notícias* (15) na distribuição de artigos no interior do jornal (*Diário de Notícias* (23)) e *Público* (22), e na mancha gráfica, com destaque para a fotelegenda (*Diário de Notícias* (79) e *Público* (56)). Em termos estruturais, podemos afirmar seguramente que, o grande “*impacto*” foi visível sobretudo na imprensa nacional, não só pela quantidade de informação que foi produzida, como também pelo conjunto de valores-notícias que estiveram presentes que justificaram a maior noticiabilidade conferida pela imprensa nacional.

**Em relação à segunda hipótese:** “*Os diferentes jornais seleccionados, privilegiaram o género jornalístico reportagem no tratamento da informação sobre a II Cimeira UE/África*”, podemos concluir que esta hipótese não se verifica.

O gráfico 6, mostra-nos que das 120 peças jornalísticas, os géneros jornalísticos mais utilizados pela imprensa europeia, foram a notícia

abertura (46) e notícia baixo de página (22), seguindo-se o género entrefiletes com 18 referências no total dos jornais analisados. A notícia como género mais recorrente nesta cobertura é uma construção com base nas respostas às perguntas que fazem parte do *lead* noticioso. Individualmente, todos os jornais analisados optaram pelo género notícia. Vejamos o gráfico resumo.

**Gráfico 6** – Género jornalístico nos jornais



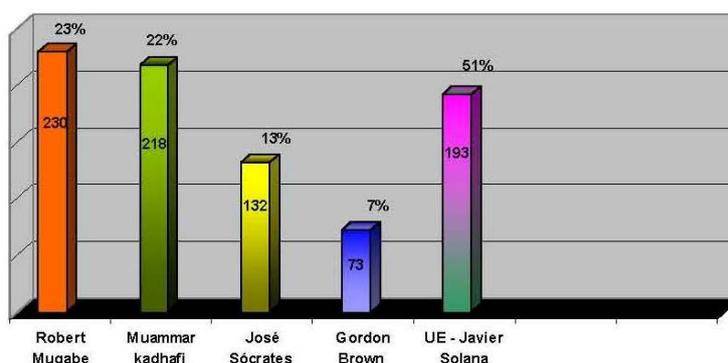
**Na terceira hipótese:** “*Robert Mugabe e Muammar Kadhafi foram os grandes “protagonistas” políticos africanos na descrição dos acontecimentos que marcaram a II Cimeira UE/África*”, a hipótese confirma-se.

Na análise da variável conteúdo foram consideradas todas as peças jornalísticas e também a mancha gráfica. Robert Mugabe como líder africano foi referido na informação jornalística, 216 vezes (39%) do total em todos os jornais, e Muammar Kadhafi, 194 (35%). Os jornais que mais contribuíram para estes valores foram os portugueses, *Público* (57) e *Diário de Notícias* (51). Em segundo lugar aparece Muammar Kadhafi (56) no *Jornal Público*, e no jornal *Diário de Notícias* (87). Robert Mugabe no *jornal Público* (57) e no *Diário de Notícias* (51). O protagonista do lado europeu na informação jornalística, foi o primeiro-ministro português, José Sócrates (112), que corresponde a um total de 32% no total dos jornais. Aqui mais uma vez foram os jornais *Público*

(68) e o *Diário de Notícias* (34) os que mais contribuíram para estes valores. Outro líder que se destacou no lado europeu mas que não esteve presente na II Cimeira mas que gerou controvérsia foi o primeiro-ministro britânico Gordon Brown (71), que acabou por ficar em segundo lugar, como o líder mais citado na imprensa. Do lado europeu, os protagonistas da foto, foram José Sócrates, primeiro-ministro português, com a contribuição sobretudo da imprensa portuguesa. Os protagonistas na foto do lado africano foram Muammar Kadhafi com 24 referências (48%), seguido de Robert Mugabe (14) o que corresponde a 28%.

Relativamente a outros protagonistas envolvidos na II Cimeira UE/África, a UE representada por Javier Solana – Secretário-geral do Conselho da UE, foi a instituição mais focada no discurso jornalístico, com 193 referências no total de todos os jornais. Vejamos o gráfico resumo.

**Gráfico 7 – Protagonistas da II Cimeira UE/África**

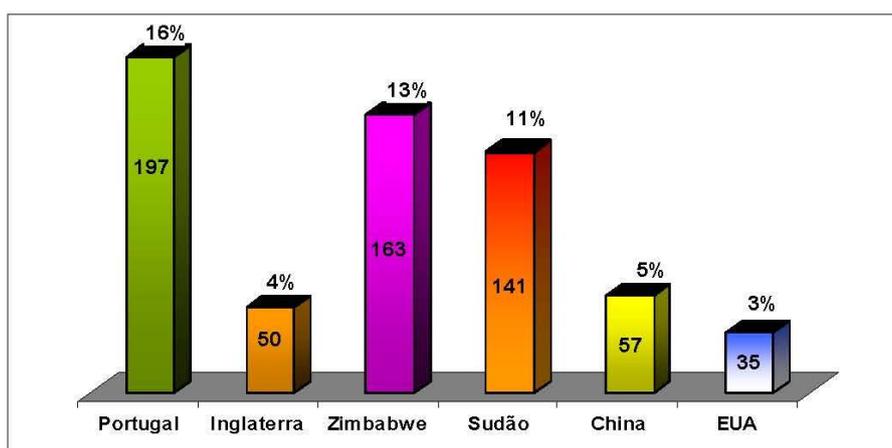


**Ao analisarmos a quarta hipótese:** “*Os países mais referenciados na imprensa foram por um lado o Zimbabwe e o Sudão devido à forte polémica gerada em torno da violação dos direitos humanos e das crises humanitárias no Sudão (Darfur) e também a China devido à sua forte presença no continente*”, verificamos que ela se confirma em parte.

Assim, do lado europeu os países mais referenciados foram Portugal (197), país organizador do evento, e o Reino Unido (50), pela polémica gerada à volta da visita de Robert Mugabe à Europa. Do lado africano verificamos que a hipótese se confirma: as referências ao Zimbabwe

(163) e ao Sudão (141). Relativamente aos países candidatos à UE, as referências foram pouco significativas. A China, aparece como observadores, uma vez que, não esteve presente na II Cimeira. De qualquer forma, confirma-se que tal como o Sudão e o Zimbabwe, a China, é também dos países mais focados com 57 referências (47,5%) no total dos jornais, aparecendo assim na 3ª posição. A China foi apresentada pela imprensa europeia, como uma das principais motivações que levaram a Europa, perante a sua crescente influência e actuação no continente africano, a solidarizar-se na concretização desta II Cimeira. Confirma-se assim a nossa hipótese. De seguida apresentamos o gráfico resumo.

**Gráfico 8** – Países protagonistas da II Cimeira UE/África



**Relativamente à quinta hipótese** – “Ao fazerem a cobertura da II Cimeira UE/África, de todos os temas previstos na agenda e tratados durante a II Cimeira, os jornais deram mais relevância às questões relativas ao comércio e integração regional”. Depois de termos definido o quadro conceptual de categorias e indicadores relativo à variável de conteúdo tema (Quadro 4), e de entre os temas previstos que foram debatidos na II Cimeira, o tema dominante no *Jornal Público*, (depois de uma análise de conteúdo detalhada e de acordo com o teor da informação), foi o tema da Governação e Direitos Humanos (104-49%) no total de todos os temas. Pode também dizer-se, que a cobertura que a imprensa portuguesa (*Jornal Público*), no seu conjunto, deu

aos temas abordados na II Cimeira que envolveram simultaneamente Europa e África foi tematicamente diversificada. Assim, as notícias publicadas no Jornal *Público* (tal como em todos os outros) repartiram-se por oito categorias temáticas – Paz e Segurança, Governação e Direitos Humanos, Comércio e Integração Regional, Questões chave sobre o Desenvolvimento assente na prossecução dos Objectivos Desenvolvimento do Milénio (ODM), Energia, Alterações Climáticas, Migrações, Mobilidade e Emprego, Ciência, Sociedade de Informação e Espaço.

Dentro da categoria Governação e Direitos Humanos, considerámos tudo o que estivesse relacionado com esta categoria. Por isso a Promoção da Democracia e do Estado de Direito, os Problemas de Direitos Humanos (violação de direitos humanos, crimes de guerra, genocídios e crimes contra a humanidade etc.) e os problemas de governação (corrupção e transparência). Da tabela concluímos que os assuntos relacionados com esta categoria foram os mais expressivos.

No continente africano, o tema ligado aos problemas dos direitos humanos são recorrentes. A crise no Darfur (Sudão); a deslocação de dois milhões de refugiados na região, e de mais 215 mil para região do Chade, a somar aos milhões de deslocados em países vizinhos; os deslocados do Sul, (Cartum); as violações dos direitos humanos no Zimbábue, com seis milhões de refugiados; as referências ao genocídio do Ruanda em 1994, onde se estima terem sido mortos entre 800 mil a um milhão de mortos arrastando o conflito para a República Democrática do Congo (RDC) e para o Burundi; o fim da Guerra Civil [1991-2002] na Serra Leoa, e todas as outras referências aos atentados aos direitos humanos no continente, contribuíram significativamente para este destaque. O número de vezes que a palavra direitos humanos apareceu no Jornal *Público* (57), é elucidativo do destaque dado ao tema. Não quer isto dizer que, não hajam violações dos direitos humanos um pouco por todo o mundo, mas as dimensões que atingem nestes países são geralmente superiores. Claro que, o facto de se mediatizarem este tipo de problemas (como acontece), pode contribuir para criar uma visão parcelar do que acontece no continente africano, ajudando na construção de uma imagem negativa e estereotipada. É a chamada “*cosmologia Social do Ocidente*”, termo empregue por Galtung e Vincent, em que o fluxo das notícias internacionais refere-se sobretudo aos chamados países do “*primeiro mundo*”, enquanto os ditos de “*terceiro mundo*”

só figuram neste fluxo, quando envolvem países considerados de elite, como sucedeu no caso da imprensa europeia, por ocasião da II Cimeira UE/África. Por isso, falou-se no passado, da exigência de uma Nova Ordem Mundial da *Informação e Comunicação* por parte de muitos países, que pelos vistos, em nada alterou a forma como se continua a relatar as notícias relativamente a estes países, e no caso em concreto, em relação aos países africanos.

Na II Cimeira UE-África, coube a Ângela Merkel a exposição deste tema. O título “*Não houve cedências a Mugabe e direitos humanos ficam centro na nova parceria*”<sup>13</sup>, reforça a importância do tema, que levou Ângela Merkel a dirigir duras críticas a Robert Mugabe, e os direitos humanos acabaram por tornar-se o lado mais visível e mais exigente desta II Cimeira. O desrespeito dos direitos humanos no Zimbabwe e o conflito no Darfur foram muitas vezes referidos nas intervenções públicas dos líderes, e tratados como exemplos do que deve ser urgentemente resolvido no continente africano. O Tribunal Penal Internacional (TPI) já emitiu vários mandados de captura contra responsáveis sudaneses mas o Governo de Bashir (Sudão) não tem colaborado, ao não reconhecer a este tribunal, qualquer autoridade para decidir sobre o que quer que seja sobre a gestão do seu país. José Sócrates, primeiro-ministro português e Presidente em exercício do Conselho Europeu, na altura, lembrou na II Cimeira, que os direitos humanos “*não são património de nenhum continente mas de toda a humanidade*”<sup>14</sup>. Luís Amado, ministro dos Negócios Estrangeiros português, proferiu que a “*Nova Parceria Estratégica só fará sentido se houver boa governação e respeito pelos direitos humanos*”<sup>15</sup>. Salim Osman, que recebeu o prémio Sakharov disse que “*o processo [Sudão], não está a progredir*”<sup>16</sup>. Mas a questão da má governação foi também abordada. John Kufuor, líder ganês e Presidente em exercício da UA na altura, disse que no “*mundo global, não há nada que se possa esconder*”<sup>17</sup> e para Omar Alpha Konaré, presidente em exercício da Comissão da UA também

<sup>13</sup> In *Jornal Público*, 9/12/2008, p.2

<sup>14</sup> In *Jornal Público*, 9/12/2008, p.2

<sup>15</sup> Entrevista à autora (20/01/2009)

<sup>16</sup> In *Jornal Público*, 9/12/2007, p. 2

<sup>17</sup> In *Jornal Público*, 10/12/2007, p.2

nesta altura, defendeu que “*muitos problemas de África resultam da má governação*”<sup>18</sup>.

Entre outros factores de interesse parece-nos importante sublinhar os seguintes pontos: Nas questões ligadas à Paz e Segurança, (criminalidade organizada e terrorismo; tráfico seres humanos e droga; proliferação de armas de destruição maciça e as questões relacionadas com a manutenção da paz e segurança) não verificámos grande atenção por parte do Jornal *Público*, (18-8,5%), embora, este tivesse sido também um dos temas prioritários debatidos na II Cimeira, ocupando assim a terceira posição. O relatório da *Oxfam*, [ONG] mostra que o total dos gastos nos conflitos internos desde 1990 em África, ultrapassa o total recebido em ajudas externas, ou seja, isso poderá ser uma das provas que “*os dinheiros não têm sido bem geridos segundo António Monteiro*”<sup>19</sup>. Mas a questão da Paz e Segurança incidiu sobretudo sobre o destacamento de uma força de manutenção de paz conjunta da ONU e UA para a província sudanesa – Darfur. A *Human Rights Watch* (HRW), apela à urgência na mobilização de 20 mil tropas das NU e da UA para o terreno. Omar al-Bashir, Presidente do Sudão, ouviu insistentes apelos para levantar os obstáculos que tem colocado ao destacamento de uma força internacional para a região. O Presidente do Sudão – Bashir, tem rejeitado essa mobilização, uma vez que, teme que essa força seja constituída por soldados predominantemente europeus. Javier Solana (Alto-representante para a política externa da UE), José Sócrates, primeiro-ministro português (presidente do Conselho Europeu durante a Presidência da União Europeia), e José Manuel Durão Barroso (presidente da Comissão Europeia), tiveram uma reunião à margem da Cimeira, com o Presidente do Sudão para discutirem o assunto. João Gomes Cravinho, Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros português, participou na reunião, e disse “*que o diálogo diplomático foi muito claro, que foi uma reunião muito franca*”<sup>20</sup>. Na intervenção durante a sessão de abertura, o presidente em exercício da Comissão da UA, Alpha

<sup>18</sup> In Jornal *Público*, 10/12/2007, p.2

<sup>19</sup> Entrevista ao jornal *Público* em 8/12/2007.

<sup>20</sup> *Briefing* do Ministro Português dos Negócios Estrangeiros, Luís Amado e João Gomes Cravinho, Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros e da Cooperação – Sala de briefing da Presidência (sala 3), gravada pela autora, em 8 de Dezembro de 2007

Oumar Konaré, insistiu para que a força híbrida fosse instalada no Sudão, e José Sócrates na conferência de encerramento repetiu, que o já assinado acordo de cessar-fogo entre as partes sudanesas em conflito<sup>21</sup> (região do Sul e Darfur), “*continua a ser a base para a resolução do problema*”. Com menor peso, mas a ocupar a segunda posição em termos percentuais, aparece as questões relativas ao Comércio, Integração Regional e infra-estruturas (64-30%). Aqui considerámos tudo o que estivesse relacionado com Investimento; Economia, negócios e comércio justo; Reformas e Desenvolvimento; e claro, os famosos e controversos Acordos de Parceria Económica (APE). A narrativa jornalística centrou-se essencialmente nestes acordos, que provocaram fortes críticas, não só por parte dos líderes africanos como das organizações não governamentais (ONG), associações de agricultores/produtores africanos e sociedade civil. O jornal *Público* apresenta os títulos “*Pequenos agricultores contra parcerias*” e “*Actuais relações Europa-África deixam de lado muitas preocupações essenciais*”<sup>22</sup>, “*Agricultores africanos pedem tempo à União Europeia*”<sup>23</sup>, que mostram o destaque dado ao tema.

Peter Mandelson, comissário do comércio da UE, foi um dos alvos de protesto, por parte dos activistas presentes na Gare do Oriente em Lisboa. Para estes grupos, os APE não são ferramentas para o desenvolvimento porque contribuem para que África recorra mais à ajuda externa. Alpha Oumar Konaré disse mesmo que “*as trocas comerciais não fazem sentido quando não existe reciprocidade e quando não contribuem para o desenvolvimento*”<sup>24</sup>.

As negociações dos APE foram a fase mais crítica da II Cimeira UE/África, com o Senegal e a Nigéria a lideraram os protestos, acordos que entretanto já tinham sido assinados por muitos países de África, Caraíbas e Pacífico (ACP). Abdoulaye Wade queixou-se, de Bruxelas querer impor a África um sistema que é rejeitado pelos africanos. Estes acordos, substituem os antigos acordos de Cotonou que expiraram no final de Dezembro de 2007, por imposição da OMC. Oumar Konaré (na

<sup>21</sup> O conflito que estalou em 2003, que opõe várias facções rebeldes ao Governo, apoiado nos *janjawid* já fez dois milhões de deslocados e mais de 215 mil no Chade.

<sup>22</sup> In *Jornal Público*, 8/12/2007, p.8

<sup>23</sup> In *Jornal Público*, 9/12/2007, p.6

<sup>24</sup> In *Jornal Público*, 9/12/2007, p.2

altura Presidente da Comissão Africana) pediu tempo à UE, para que se firmassem acordos justos. Os APE, foram rejeitados pela maioria dos africanos, que temem a perda de receitas dos direitos alfandegários, receitas estas que representam entre 35 a 70 por cento dos orçamentos dos países africanos.

O Presidente da Comissão Europeia, Durão Barroso, aceitou prosseguir com as discussões, com os países africanos que rejeitaram as novas parcerias, durante o ano de 2008, mas lembrou que os “*acordos intercalares*” já assinados por alguns países, teriam de entrar em vigor no dia 1 de Janeiro de 2008. Durão Barroso, voltou a defender na conferência de encerramento que os novos acordos constituem uma “oportunidade” para África e não uma imposição da OMC. Contudo, no decorrer da II Cimeira, Luís Amado, actual ministro dos Negócios Estrangeiros, chegou mesmo a admitir, e apresentou em título “*Acordos de Parcerias económicas estão em fase crítica*”<sup>25</sup>.

Relativamente às Questões Chave sobre o Desenvolvimento (ODM), que incluem os oito objectivos prioritários a atingir até 2020: Pobreza e fome; Educação (Ensino básico e universal) Igualdade entre homens e mulheres; Mortalidade infantil; Saúde materna; VIH/Sida malária e outras doenças; Sustentabilidade ambiental e Criação de uma parceria para o desenvolvimento, registaram os valores (9-4%), levando a concluir que, não foi um tema considerado relevante pela imprensa. Foi muito pouco expressivo, se compararmos com a questão da Governação e Direitos Humanos. Embora as alterações climáticas (3-1%), a energia (1-0,5%) e as questões relacionadas com a Ciências e as novas tecnologias, sejam temas muito debatidos a nível internacional, não tiveram grande impacto na imprensa europeia, durante os dias em que decorreu a II Cimeira.

O tema das Migrações, Mobilidade e Emprego, onde aparecem as questões relacionadas com a emigração/imigração, fluxos migratórios; emprego e mobilidade regista (15-7%) e embora não tenha sido dada grande importância no conjunto dos temas abordados no jornal *Público*, aparece na quarta posição, embora estes sejam temas de extrema importância, que preocupa cada vez mais a Europa. Zapatero apelidou a imigração clandestina como “*um falhanço colectivo*”<sup>26</sup>. O chefe de

<sup>25</sup> In *Jornal Público*, 9/12/2007, p.4

<sup>26</sup> In *Jornal Diário de Notícias*, 9/12/2007, p.2

Governo de Madrid, defendeu que esse pacto deverá centrar-se em três eixos: “A escolarização, o emprego dos jovens e o desenvolvimento de infra-estruturas para dinamizar o tecido social e económico dos países de origem”<sup>27</sup>. Se analisarmos o *Jornal Diário de Notícias*, à semelhança do *Jornal Público*, verificar também que, o tema mais abordado na imprensa ocupando a primeira posição foi o da Governança e Direitos Humanos (108-40%). Aqui, também as questões que mais contribuíram para estes valores, foram os direitos humanos (43), palavras encontradas no texto jornalístico. Expressões como “a defesa dos direitos humanos”; “direitos humanos e desenvolvimento”; “a violação dos direitos humanos” ou “os abusos aos direitos humanos” no Zimbábue, a “catástrofe humanitária no Darfur”, “conflitos e as violações dos direitos humanos na região no Darfur”, “regime de Cartum”, foram as mais focadas no discurso jornalístico dentro desta categoria. Aliás, como tinha feito questão, José Sócrates, primeiro-ministro português em exercício na altura da realização da II Cimeira, disse que “Os direitos humanos são um património universal, que nos compete preservar e defender. Por isso, os direitos humanos estarão no centro da nossa agenda”<sup>28</sup>. Ângela Merkel nas suas intervenções durante a reunião na sessão plenária, referiu-se ao Zimbábue, ao proferir que “a situação não é satisfatória e prejudica a imagem de África”<sup>29</sup>. Alemanha representada por Ângela Merkel foi acusada de ser a interlocutora da UE contra Mugabe. Ele próprio afirmou ser ela a porta-voz do “bando dos quatro”, dos líderes dos quatro países europeus que apontaram o dedo à situação inadmissível no seu país: Alemanha, Holanda, Dinamarca e Suíça.

Mas dentro desta categoria, mas com menor peso, ainda foram abordadas as questões relacionadas com a transparência dos negócios em África da indústria extractiva, o apoio à criação de instituições fortes, à recuperação de bens roubados, pilares importantes da estratégia de luta contra a corrupção em África. A fraca governação e a gestão ineficaz dos serviços públicos à população favorecem a corrupção.

O destaque dado ao Comércio, Integração Regional e infra-estruturas aparece em segundo lugar (73-27%) à semelhança também do

<sup>27</sup> *Ibidem*

<sup>28</sup> In *Jornal Diário de Notícias*, 9/12/2007, p.2

<sup>29</sup> *Ibidem*

*Jornal Público*. Neste tema, a ênfase foi dada, sobretudo ao relacionamento económico entre os dois continentes, no sentido de surgirem novas oportunidades de negociação. Portugal aproveitou para reforçar as relações económicas com Países como a Líbia. O título com letras garrafais “*Mais de 20 empresários a negociar com Kadhaft*”<sup>30</sup> reforça a ideia de que o acordo de negociação com mais de 20 empresários portugueses tinha como objectivo a internacionalização da economia através do acordo entre a Galp e a “*Lybia África Investment Portfolio*”. Para além da Galp outras empresas estão interessadas em negociar com a Líbia como é o caso da OGMA, Brisa, Semapa, Secil, Cimpor, Galp, Partex Oil, BES e Banco Efisa. Ainda a Secil e a cimenteira Al-Ahliya Cement Company para a aquisição de 50% do capital desta. No caso de Moçambique através das empresas Galp e Visibeira na produção de biocombustíveis. Estas negociações juntaram no total cerca de 450 líderes empresariais e políticos da UE e África (226 africanos e 220 europeus) na Cimeira Empresarial UE-África na FIL – Feira Internacional de Lisboa no dia 7 de Dezembro, organizado pela CIP – Confederação da Indústria Portuguesa e pela AIP – Associação Industrial Portuguesa. Um dos objectivos desta Cimeira para Portugal serviu também para reforçar as relações económicas com África e deu um impulso para a criação no futuro, de uma Associação de Cooperação Europa PALOP. A par desta Cimeira, Durão Barroso, Presidente da Comissão Europeia, teve também neste dia uma reunião da *Business Europe*, constituída por 39 Confederações da Indústria de 33 países europeus.

Quanto aos Acordos de Parceria Económica (APE), no *Jornal Diário de Notícias*, tal como no *Jornal Público* a narrativa jornalística foi idêntica. O título “*Comércio foi o calcanhar de Aquiles*”<sup>31</sup>, veio dar destaque também à dificuldade que existiu, de haver consenso quanto aos acordos de comércio preferenciais unilaterais em vigor, incompatíveis com as regras da OMC. Em 2000 foi dado um prazo de sete anos para que os dois blocos resolvessem o problema e o prazo terminou a 31 de Dezembro de 2007 como já foi referido. Os APE são uma imposição da OMC, no âmbito da renegociação do Acordo de Parceria Económica de Cotonou. De qualquer forma fizeram-se acordos interinos para evitar a ruptura no comércio entre os dois continentes. Estes acordos contem-

<sup>30</sup> In *Jornal Diário de Notícias*, 7/12/2007, p. 2

<sup>31</sup> In *Jornal Diário de Notícias*, 10/12/2007, p.2

plam um acesso a 100% dos produtos africanos ao mercado da União Europeia. Europeus e africanos dividiram-se, sendo o Senegal, através do Presidente Abdoulaye Wade, o primeiro a impor-se contra esse acordo comercial. Este modelo de abertura previsto para os mercados africanos constituiu para muitos africanos um modelo que pode agravar a pobreza e a segurança alimentar das populações. As receitas provenientes dos direitos alfandegários representam neste momento, entre 35 a 70 por cento dos orçamentos dos países africanos e teme-se que sejam progressivamente abolidos com estes novos acordos. A UE argumenta que o aumento das exportações deverá compensar todas as perdas.

Na terceira posição aparecem as questões relacionadas com os problemas das Migrações, Mobilidade e Emprego (36-13,5%). O título “*Europa quer regular a “emigração desesperada”*”<sup>32</sup> a adjectivação, reforça a importância dada ao tema. Controlar desde a origem os fluxos migratórios, com países como o Senegal e o Mali, travar a imigração ilegal e ao mesmo tempo gerir melhor a emigração legal, desenvolvendo os países de origem e criando emprego, mas facilitar também o envio de remessas, parecem ser as prioridades nesta área.

Nas questões ligadas à Paz e Segurança, (criminalidade organizada e terrorismo; tráfico seres humanos e droga; proliferação de armas de destruição maciça e as questões relacionadas com a manutenção da paz e segurança no seu conjunto) não verificamos que tivesse sido grande importância (12-5%). A abordagem do tema no jornal *Diário de Notícias* centrou-se essencialmente sobre o combate à ETA. Sarkozy<sup>33</sup>, proferiu “*os inimigos da democracia espanhola, os assassinos terroristas, são os inimigos da França*”. O envio de uma força híbrida de 20 mil homens para o Darfur, que o Governo Sudanês teima em aceitar, usando o argumento de não querer ver tropas europeias nesta força, foi também abordado no jornal durante este período.

Na distribuição da matéria informativa pelos temas específicos da informação no jornal *El País*, ao procedermos a uma contabilização dos totais dos temas abordados no jornal, verificamos que o conteúdo da categoria Governação e Direitos Humanos apresenta (55-32,5%). Os direitos humanos aparecem citados 14 vezes e as questões relacionados

<sup>32</sup> In Jornal *Diário de Notícias*, 10/12/2007,p.3

<sup>33</sup> Discurso de abertura do Presidente Francês, Nicolas Sarkozy “A Paz e a Segurança”, no âmbito da II Cimeira UE/África em 8/12/2007

com o tema surgem relacionados (como nos jornais portugueses) com a situação no Darfur, Zimbabwe e com menor incidência no Chade. As expressões de falta de democracia no continente africano também foram focadas, através da peça com o título “A UE não aborda a falta de democracia em África”<sup>34</sup>

Em segundo lugar aparecem as questões relacionadas com o Comércio, Integração Regional e Infra-estruturas (33-19,5%), com o títulos “Comércio e Zimbabwe confrontam a Europa e África”<sup>35</sup> e “Um grupo de países africanos rejeita os acordos comerciais com a Europa”<sup>36</sup>. O tema da Energia (29-17%) foi neste jornal espanhol, muito abordado e aparece nas peças jornalísticas com 29 referências, ocupando assim a terceira posição. Em quarto lugar, verificamos que o tema das Migrações, Mobilidade e Emprego, teve também grande *noticiabilidade* (22-13%), no jornal expresso no título “Zapatero a propor para África mais educação, emprego e infraestruturas”<sup>37</sup>. Espanha realçou a importância que a construção de linhas-férreas e estradas poderão ter no desenvolvimento do continente africano. As questões sobre a Paz e Segurança aparecem em quinto lugar (14-8%), seguido das questões chave sobre o desenvolvimento (10-6%), alterações climáticas e ciência (3-2%), no total dos temas analisados.

Pela exploração dos dados, somos levados a concluir que o Jornal *El Mundo*, também deu maior ênfase às questões relacionadas com o Comércio, Integração Regional e infra-estruturas (20-29%), falou da falta de consenso comercial na II Cimeira não só por parte do Senegal e da Nigéria, como referiram os outros jornais, mas também por parte da África do Sul, e o impulso de infra-estruturas que José Luís Zapatero considera ser necessário para desenvolver o tecido económico e social do continente, sobretudo a melhoria da linha férrea que une Mali ao Senegal.

Verificamos também, que o tema das Migrações, Mobilidade e Emprego (19-28%); Governança e Direitos Humanos (18-26%) aparecem logo a seguir, a ocupar a segunda e terceira posição, com valores muito próximos uns dos outros, o que significa que há um equilíbrio na abor-

<sup>34</sup> In Jornal *El País*, 10/12/2007, p.6

<sup>35</sup> In Jornal *El País*, 9/12/2007, p.3

<sup>36</sup> *Ibidem*.

<sup>37</sup> In Jornal *El País*, 9/12/2007, p. 2

dagem destes temas. Este jornal dá ênfase à imigração propondo um pacto entre a Europa e África para regular a imigração, porque este é um assunto que tem afectado sobretudo, Espanha e onde o chefe de Estado quer “*fomentar empregos e oportunidades para a juventude africana nos territórios de origem*”<sup>38</sup>. Relativamente aos direitos humanos a ênfase, à semelhança dos jornais já analisados foi dada ao Zimbabwe e ao Darfur (Sudão). Na análise de conteúdo aos jornais franceses, *Le Figaro* e *Le Monde*, verificamos que o jornal, *Le Figaro*, apenas fez referência às questões relacionadas com o Comércio, Integração Regional e infra-estruturas (8-100%), com total ausência de considerações sobre os restantes temas, que faziam parte da agenda política da II Cimeira, reforçando o pessimismo na assinatura dos Acordos de Parceria Económica (APE), com a adesão de apenas 14 Estados africanos. O jornal *Le Monde*, também deu ênfase ao Comércio, Integração Regional e infra-estruturas (24-49%), praticamente metade, no total dos temas abordados na imprensa. O *Le Monde* enfatiza também os Acordos de Parceria Económica (APE) através dos títulos “*Europa quer uma nova parceria com África*”<sup>39</sup> e “*Dez países africanos recusam a libertação das trocas propostas pela EU*”<sup>40</sup>, com referência à não assinatura por parte da África do Sul, e lembra os principais parceiros europeus de África: França e Itália, e África do Sul, Líbia e Argélia do lado africano.

O jornal *The Daily Telegraph/The Sunday Telegraph*, não fez uma cobertura diversificada das temáticas e acontecimentos que se inscrevem no âmbito da II Cimeira UE/África e das relações entre a UE e África como os jornais franceses, dando também mais importância ao tema da Governança e Direitos Humanos (28-90%) no total dos temas. A falta da democracia e a violação dos direitos humanos no Zimbabwe, a situação política e económica do país, e o ataque de Ângela Merkel a Mugabe durante a Cimeira, fizeram parte do conteúdo das peças apresentadas pelo jornal britânico. Os restantes temas não mereceram tanto destaque, embora tivessem sido afluídos, do ponto de vista quantitativo, não foram significativos.

Relativamente ao jornal *The Guardian* o conteúdo com maior enfoque neste jornal esteve ligado ao Comércio, Integração Regional e

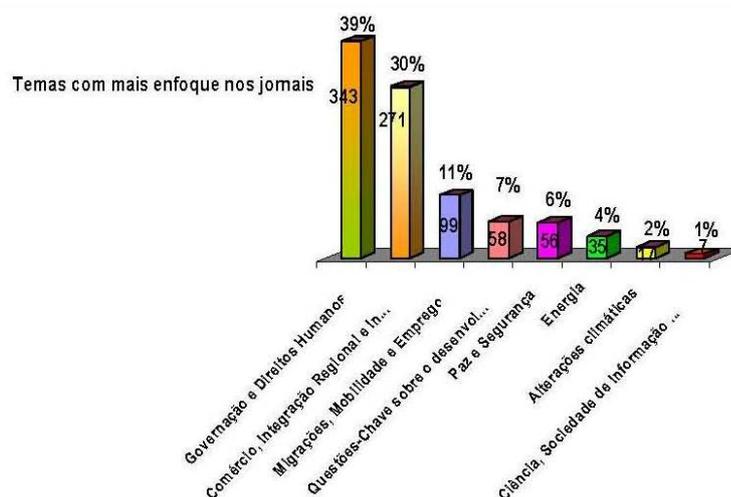
<sup>38</sup> In Jornal *El Mundo*, 8/12/2007, p.19

<sup>39</sup> In Jornal *Le Monde*, 8/12/2007, p. 4

<sup>40</sup> *Ibidem*

Infra-estruturas (48-65%), com mais de 50% no total dos temas abordados, logo seguido da Governação e Direitos Humanos (20-27%). Relativamente ao tema com maior destaque, o *The Guardian*, salienta a importância da China no continente, e apresenta as diferenças substanciais existentes entre o comércio da Europa com África e os investimentos que têm sido feitos por Pequim. Expressões como “a supremacia vai para Pequim, na busca de petróleo e outros recursos e conquista de África com bens de consumo baratos, empréstimos bonificados e grandes projectos de infra-estruturas”; “Comércio chinês com África aumentou 700% nos anos 90 e quadruplicou à volta de 40 biliões de libras desde 2000” e “esta taxa de crescimento desde 2000, representa 400% para a China e 50% para a Europa”<sup>41</sup> são vários exemplos do interesse por este jornal, em fazer comparações entre as relações comerciais Europa-África e as relações comerciais China-África. Na categoria Governação e Direitos Humanos o destaque vai para a crise no Darfur com a palavra direitos humanos, a ser novamente reforçada neste contexto. Vejamos o gráfico resumo dos totais gerais no conjunto de todos os jornais:

**Gráfico 9 – Tema com mais enfoque nos jornais**



<sup>41</sup> In Jornal *The Guardian*, 7/12/2007, p. 9

**De acordo com as hipóteses 6 e 7:** “A II Cimeira UE/África, os temas e as personagens envolvidas no evento suscitaram na imprensa em análise posições mais desfavoráveis do que favoráveis” e “os jornais ao fazerem a cobertura da II Cimeira UE/África deram mais enfoque aos aspectos negativos sobre a II Cimeira UE/África e/ou sobre África”.

Ao analisarmos o Discurso Opinião no Jornal *Público* verificámos que o ângulo dominante das opiniões neste jornal é tendencialmente desfavorável (122 itens). Foram várias as frases opinativas que contribuíram para estes valores. Em concreto, tomando o número de peças opinativas, encontramos apenas 10 itens favoráveis (8% do total de opiniões) onde 6 itens dizem respeito à posição da UE face à II Cimeira, correspondendo a 60% do total dos itens desfavoráveis. As posições tendencialmente desfavoráveis centram-se na maioria das opiniões apresentadas, no jornal *Público* (122-92%), onde 100 itens têm um ângulo de abordagem desfavorável centrado sobretudo nas questões relacionadas com África. São exemplos destas opiniões, expressões como “Angola é um país cujo povo (...)continua a viver numa imensa pobreza”, “as riquezas são muitas, mas estão muito mal divididas”; “esperança de vida é das mais baixas do mundo (...)e o nível da literacia”, “Angola não é uma democracia, antes uma cleptocracia”, “delírio de Mugabe (...)precipitou [Angola] num precipício”, “José Eduardo dos Santos e Robert Mugabe, (...)líderes africanos (...)responsáveis pelas desgraças das nações que dirigem”<sup>42</sup> (25-20%). Na análise de Teresa de Sousa<sup>43</sup> (12-10%), a jornalista salientou, por exemplo, que o “Zimbabwe é um problema de política interna (...)A opinião pública britânica ainda não esqueceu as imagens terríveis das expropriações das mais de quatro mil plantações de fazendeiros brancos que fizeram do Zimbabwe durante os primeiros 20 anos de independências o “celeiro de África”. Jorge Heitor comenta a existência de “muitas Áfricas”, utilizando o título “Um continente, muitas realidades”<sup>44</sup>. Jorge Heitor, especialista em assuntos africanos do Jornal *Público*, pronunciou-se de modo desfavorável acerca das diferenças culturais que existem no continente e até mesmo dentro de um Estado ou região e da fragilidade e

<sup>42</sup> Editorial, José Manuel Fernandes, Jornal *Público*, 8 de Dezembro de 2007, p.3.

<sup>43</sup> In Jornal *Público*, 10/12/2007, p.6.

<sup>44</sup> In Jornal *Público*, 8/12/2007, p.7

especificidades de algumas regiões (20-16%) como por exemplo, “*especificidade de regiões como Casamansa, Cabinda ou Darfur*”<sup>45</sup>. Na opinião de Vasco Pulido Valente, o indicador África (4-3%) também aparece como o mais referenciado, onde Omar al-Bashir (Sudão), Robert Mugabe (Zimbabwe) e Muammar Kadhafi (Líbia), são os líderes mais visados<sup>46</sup>. Numa entrevista ao embaixador António Monteiro<sup>47</sup>, a crítica centra-se também essencialmente sobre África (12-10%). A entrevista a Daniel Marko Adwok<sup>48</sup>, bispo auxiliar de Cartum, também teve um discurso tendencialmente desfavorável sobre África (12-10%). Ao referir-se sobretudo à situação do Darfur (Sudão), o bispo auxiliar tornou-se uma *persona non grata* no país, ao falar do problema da conquista do poder político e económico e o controlo da terra no Darfur numa região onde 98 por cento da população são muçulmanos. Para o bispo, e expresso em título “*Sudão não poderá permanecer unido se o Governo persistir na agenda islâmica*”<sup>49</sup>. Em entrevista a Delphine Djirabe, advogada, esta activista dos direitos humanos no Chade, disse que “*o petróleo é a causa das maldições do Chade*”<sup>50</sup> (14-11,5%). José Manuel Fernandes<sup>51</sup>, chama a atenção de que “*Só o tempo decide quando e onde se fez história*”. Carla Machado, professora universitária, fala dos “*defensores do relativismo que têm enfatizado a origem cultural ocidental da própria concepção de direitos humanos e afirmam que a sua imposição ignora as especificidades culturais dos países menos desenvolvidos, correspondendo a uma estratégia de dominação de pendor neocolonial*”<sup>52</sup> (6-5%).

Na análise do Discurso da Opinião no Jornal *Diário de Notícias*, verificamos que o tom utilizado pelos *Opinion Makers* é claramente desfavorável apresentando um valor superior (56), ou seja 64% do total das opiniões. O conteúdo noticioso (tratamento da informação) relativamente às opiniões desfavoráveis no Jornal *Diário de Notícias* é foca-

<sup>45</sup> In Jornal *Público*, 8/12/2007, p.7

<sup>46</sup> In Jornal *Público*, 8/12/2007 (última página)

<sup>47</sup> In Jornal *Público*, 8/12/2007, p. 4

<sup>48</sup> In Jornal *Público*, 9/12/2007, p.6

<sup>49</sup> In Jornal *Público*, 9/12/2007, p. 6

<sup>50</sup> Entrevista ao Jornal *Público*, 10/12/2007, p.8

<sup>51</sup> Editorial, Jornal *Público*, 10/12/2007, p. 42

<sup>52</sup> “Do relativismo ao compromisso”, Comentário. In Jornal *Público*, 10/12/2007.

lizado essencialmente em África. Salih M. Osman<sup>53</sup> falou da questão do Darfur como, expresso no título “*Questão de Cidadania Europeia*”<sup>54</sup>. Outra opinião que teve um peso considerável nos valores apresentados, diz respeito à entrevista de Eliphás Mukonaushuro<sup>55</sup> que fala do Zimbabwe, das eleições no país, da relação da oposição com Robert Mugabe e sobre a reforma agrária. O tom favorável das opiniões apresentou um valor superior no indicador, – relações entre a Europa e África, no total dos outros indicadores.

No jornal *El País* as opiniões desfavoráveis também apresentam valores superiores às opiniões favoráveis: (56-64%) contra (7-17%). O texto analítico/opinativo apresentou 26 ocorrências negativas sobre África onde o Darfur, a falta de democracia em África foram os temas mais críticos. Plácido Micó<sup>56</sup> chama a atenção para os ODM que não estão a ser cumpridos na Guiné Equatorial<sup>57</sup>. Também no jornal *The Guardian* a opinião é claramente desfavorável (6-67%), e incidiu, sobretudo, sobre a UE. Este jornal criticou a posição da UE em ter convidado Robert Mugabe para a Cimeira e enalteceu a posição do seu ministro, Gordon Brown, em não ter vindo à II Cimeira. Os jornais não referenciados, não apresentaram peças opinativas/analíticas.

O discurso das peças jornalísticas (excluindo agora as peças de carácter opinativas) foi analisado em todos os jornais neste estudo, e levou a concluir que, a maior parte da informação da II Cimeira UE/África teve um ângulo de abordagem predominantemente negativo (234-72%) no jornal *Público*. A informação cujo ângulo de abordagem foi positivo-neutro representa 39% do total das peças. A grande percentagem da informação negativa, incide sobre África, onde se regista um total de 140 ocorrências. A informação é diversificada e aborda os temas do Darfur, Zimbabwe, os conflitos na Etiópia, Eritreia, Somália, Leste da República Democrática do Congo, Libéria e Ruanda. Embora os APE, tenham sido um tema muito abordado na imprensa em geral, e de forma muito negativa pelas consequências que possam representar para os paí-

<sup>53</sup> Prémio Sakharov 2007

<sup>54</sup> In Jornal *Diário de Notícias*, 8/12/2007, p.3

<sup>55</sup> Secretário para as Relações Internacionais do partido MDC (Movimento para a Mudança Democrática) do Zimbabwe.

<sup>56</sup> Secretário-geral da Convergência para a Democracia Social (CPDS) da Guiné Equatorial

<sup>57</sup> In Jornal *El País*, 10/12/2007, p. 6

ses africanos, não conseguiram suplantar o discurso negativo sobre o continente africano, que foi visivelmente superior. O ângulo de abordagem positivo/neutro, teve um peso menor, contabilizando-se apenas 92 ocorrências, menos de 50 por cento no total de toda a informação. O ângulo de abordagem foi centrado sobretudo nas relações Europa/África (43), no novo quadro político definido para o relacionamento dos dois continentes, e na definição de uma agenda comum dentro de um quadro de valores convergentes entre a UE e a UA. Expressões como por exemplo “*resolver problemas globais*”, “*proximidade*” “*valores comuns*” “*atitude de equilíbrio e de parceiros*”, fizeram parte da maior parte do léxico jornalístico como unidade de análise dentro deste indicador.

O jornal *Diário de Notícias*, dedica mais atenção também aos aspectos negativos do continente com 53 por cento contra 47 por cento negativos, embora aqui a diferença não fosse tão acentuada. Os aspectos negativos denotam um comportamento similar ao jornal *Público* no indicador África, com os direitos humanos, o Darfur, o Zimbábwe, a corrupção, a imigração, a descolonização e a má governação a marcarem fortemente posição no discurso jornalístico deste jornal.

No jornal *El País* o discurso da informação foi também tendencialmente negativo (114-75%) contra (37-25%) de discurso positivo-neutro. Se verificarmos com atenção esta tabela, verificamos que, o discurso tendencialmente positivo-neutro, teve o seu enfoque nas Relações entre a Europa e a África (14-38%) no dia 9 de Dezembro. No dia 10 de Dezembro a abordagem que é feita focaliza mais a Europa, com especial ênfase para Espanha, e em que o jornal aproveita para dar visibilidade aos projectos do governo espanhol para a construção de infra-estruturas para o continente africano, em especial para a África Subsariana e a apresentação de planos para controlo da imigração ilegal. No discurso de informação com um ângulo de abordagem mais negativo, os valores voltam a ter peso no que diz respeito ao continente africano com 32 ocorrências no dia 9 de Dezembro, o correspondente a 28 por cento do total de todos os indicadores (isoladamente) que tiveram um ângulo de abordagem negativo.

No jornal *El Mundo* a abordagem à II Cimeira UE/África e aos temas em debate foi muito equilibrado, tanto no que diz respeito aos aspectos positivos-neutros como em relação aos aspectos negativos. O ângulo de abordagem relativamente aos aspectos negativos apresenta os

valores de 39 ocorrências, que em termos relativos dá uma percentagem de 51 por cento. Os aspectos positivos-neutros representam (37-49%). No ângulo positivo-neutro, as questões que se relacionam directamente com a Europa, são os que apresentam valores superiores no conjunto de todos os outros indicadores (16-43%). Na abordagem com um ângulo mais negativo, os valores centram-se também nas questões que envolvem a Europa e seus países (12-31%). No *El Mundo* à semelhança do *El País*, a questão da imigração marcou fortemente a informação neste jornal.

No jornal *Le Figaro*, houve também um equilíbrio na distribuição da matéria informativa entre o ângulo de abordagem positivo-neutro (12-32%) e o ângulo de abordagem negativo (13-35%) verificámos que as referências mais negativas vão para as relações entre a Europa e África, com 8 ocorrências nos dias 8 e 9 de Dezembro<sup>58</sup>. Este jornal enfatiza o facto de a Europa estar a negociar com África os APE, com algum insucesso, uma vez que, apenas “14 países africanos de um total de 48 aceitaram concluir um novo acordo”<sup>59</sup>.

Podemos também verificar, que à semelhança do jornal *Le Figaro*, que o jornal *Le Monde*, através dos títulos que apresenta numa das suas páginas “*Europa quer uma nova parceria com África*”<sup>60</sup>, ou “*Dez países recusam a liberalização das trocas propostas pela EU*”<sup>61</sup>, dá uma grande importância à nova relação que se estabelece com África com esta II Cimeira, mas dando uma ênfase negativa à falta de consenso nos APE. As relações entre a Europa e África acabaram, tal como no jornal *Le Figaro*, a registar a maior ocorrência relativamente a todos os outros indicadores (17-52%). O discurso teve um ângulo de abordagem tendencialmente negativo, (33-65%) contra um ângulo de abordagem positivo-neutro (18-35%).

Quanto aos jornais britânicos, verificámos que o jornal *The Daily Telegraph/The Sunday Telegraph* têm um discurso tendencialmente negativo, no conjunto de todos os indicadores relacionados com a II Cimeira UE/África (46-81%). O discurso que registou maior índice ne-

<sup>58</sup> O jornal *Le Figaro*, nos dias 8 e 9 de Dezembro (Sábado e Domingo), juntou as duas edições numa só.

<sup>59</sup> In Jornal *Le Figaro*, 8 e 9 de Dezembro, 2007, p.5.

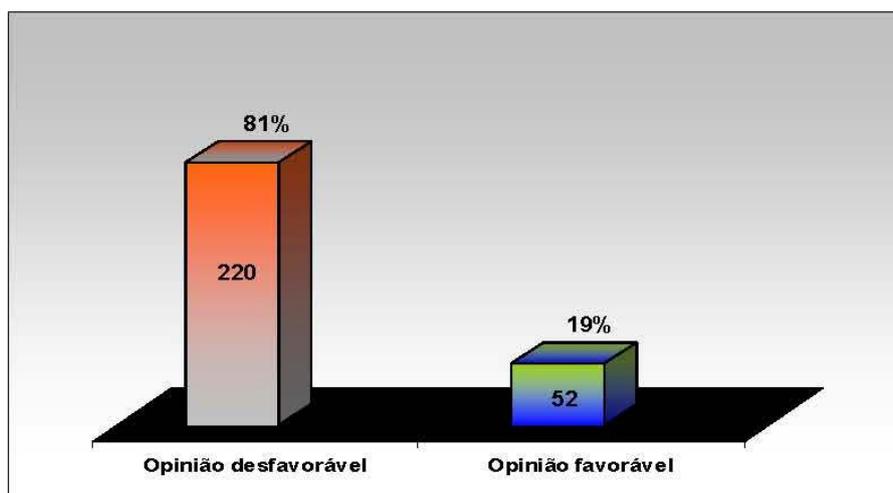
<sup>60</sup> In Jornal *Le Monde*, 8/12/2007, p. 4

<sup>61</sup> In Jornal *Le Monde*, 8/12/2007, p. 4

gativo verificou-se nos dias 9 e 10, com 18 ocorrências e incidiu sobre o continente africano. Robert Mugabe e o Zimbabwe foram os grandes visados no discurso jornalístico e a marcar os principais títulos do jornal, “*Merkel ataca Mugabe cara a cara*”<sup>62</sup> ou “*Encontro com Mugabe faz parte do trabalho, disse o presidente da Comissão Europeia*”<sup>63</sup>.

O discurso de informação no jornal *The Guardian* foi mais negativo que positivo-neutro (88-95%); (5-5%). Aqui podemos verificar que foram vários os indicadores que contribuíram para estes valores: África (14-16%); Europa (17-19%) e as relações entre a Europa e África (18-20%). A distribuição da matéria informativa pelos temas específicos foi bastante equilibrada ao contrário dos jornais anteriormente analisados. Vejamos o gráfico resumo:

**Gráfico 10 – Direcção da Opinião**



<sup>62</sup> In Jornal *The Sunday Telegraph*, 9/12/2007, p.2

<sup>63</sup> In Jornal, *The Daily Telegraph*, 7/12/2007, p.17.

## 5 Conclusões

A cobertura jornalística da II Cimeira UE/África e o tratamento da informação por parte da imprensa europeia é divergente nalguns pontos, e convergente noutros.

Todos os jornais europeus, escolhidos para o nosso estudo, abordaram a II Cimeira UE/África no período escolhido para a amostra. No entanto, foram os jornais portugueses (*Jornal Público e Diário de Notícias*) que deram maior relevância ao acontecimento, pelo número de peças apresentadas, e onde os critérios de noticiabilidade e proximidade poderão justificar o interesse acrescido pelos assuntos abordados. Houve também, muita preocupação por parte da imprensa portuguesa em desenvolver os temas e explicitá-los, o que prova que houve preocupação em investigar e aprofundar os temas que estariam em discussão na agenda política da II Cimeira UE/África, nos dias que antecederam à Cimeira, até porque, sendo um acontecimento já agendado, a planificação da agenda, permitiu o conhecimento prévio dos conteúdos a serem abordados. Por outro lado, as rotinas tornam as notícias semelhantes, e por isso estes dois jornais tiveram uma abordagem muito semelhante. Em número de peças, em relação aos jornais franceses e ingleses, embora tivessem abordado o assunto, não foi de modo tão significativo.

Os jornais portugueses e espanhóis, no que diz respeito à localização das peças, colocaram as peças essencialmente nas páginas pares, ao contrário dos franceses e dos ingleses que optaram maioritariamente pelas páginas ímpares. Relativamente à primeira página, como indicador do impacto das notícias na opinião pública, verificámos que os jornais portugueses e espanhóis, foram os únicos a colocar o acontecimento em manchete e a utilizarem fotos para a descrição dos acontecimentos. Os jornais franceses optaram por uma chamada à primeira página. Os jornais britânicos não fizeram nenhuma referência na primeira página.

Ao analisarmos a distribuição dos artigos no interior dos jornais, verificamos que a maioria optou pela página inteira para a descrição dos acontecimentos, com excepção dos jornais *Le Fígaro* e o *The Daily Telegraph/The Sunday Telegraph*, que optaram mais por apresentar as peças no primeiro plano. Esses valores foram mais significativos nos jornais portugueses pela quantidade de peças apresentadas. Na man-

cha gráfica a fotolegenda destacou-se em todos os jornais. O género jornalístico mais utilizado em todos os jornais foi a notícia.

Relativamente aos grandes protagonistas europeus, na informação jornalística da II Cimeira, e que marcaram a imprensa europeia neste período, foram o primeiro-ministro português José Sócrates, logo seguido do primeiro-ministro britânico Gordon Brown, que não tendo estado presente na II Cimeira, conseguiu ser alvo da imprensa, sobretudo da imprensa britânica pelos motivos já anteriormente apresentados. Em termos fotográficos, do lado dos países da UE, o primeiro-ministro português, foi o mais fotografado, no decorrer dos acontecimentos que marcaram a II Cimeira UE/África.

Os grandes protagonistas africanos que marcaram a informação jornalística na II Cimeira, tal como formulámos na nossa hipótese, foram o Presidente do Zimbabwe, Robert Mugabe, e o Presidente da Líbia, Muammar Kadhafi. O líder africano mais fotografado foi o Presidente da Líbia, Muammar Kadhafi.

Em termos de organizações internacionais, regionais e não-governamentais, o destaque na informação jornalística do lado africano, vai para a UA, logo seguida da ONU, duas das instituições que zelam pelo progresso e desenvolvimento de África.

Em termos de organizações europeias, a mais representada na imprensa europeia por ocasião da II Cimeira UE/África foi a UE, que pode ser justificada pela liderança e interesse que manifestou na concretização da realização da II Cimeira.

Os países protagonistas do lado europeu desta II Cimeira na imprensa foram Portugal, seguido do Reino Unido e depois a França. Do lado Africano, e de acordo com a hipótese formulada, foi sem dúvida o Zimbabwe e o Sudão. Relativamente aos países candidatos à UE e a outros países fora do continente europeu e africano, destaca-se a China, pelas razões já apontadas ao longo desta dissertação.

Relativamente aos grandes temas abordados, destacaram-se a Governação e os Direitos Humanos, no conjunto de todos os jornais, analisados, logo seguido do Comércio e Integração Regional, infra-estruturas onde se enquadram os Acordos de Parceria Económica (APE).

Na direcção de opinião/informação verificámos nos jornais onde esses géneros jornalísticos foram utilizados, que o balanço foi claramente desfavorável/negativo relativamente a todos os indicadores que tinha-

mos definido para a II Cimeira UE/África (África, Europa, II Cimeira UE/África e Relações UE/África). O indicador que mais contribuiu para estes valores foi o continente africano e tudo o que esteja directamente relacionado com ele.

Em 2005 quando o primeiro-ministro Blair declarou o “*Ano de África*”, a imagem do continente era familiar: pobre, desesperada, e dependente. Desde então, os países industrializados aperceberam-se que, ao mesmo tempo que declaravam África o “continente sem esperança”, a China aumentava o seu envolvimento. O negativo retrato que se tem da África tem vindo a ser uma preocupação por parte dos líderes africanos e de vários grupos da sociedade civil, e a II Cimeira EU/África, constituiu um marco na história, da Europa e de África, no sentido de os líderes africanos, face à globalização, mostrarem ao mundo que estão empenhados publicamente, em alterar os padrões instituídos, e lutarem em parceria com a Europa por uma “nova” África. Contudo, existem profundas alterações que têm de ser feitas para que possa emergir uma “nova imagem de África”.

A análise comparativa da cobertura noticiosa da II Cimeira UE/África em oito jornais europeus de quatro países diferentes, situados no continente europeu, mostrou que existem semelhanças significativas quanto ao que foi notícia, e isso reflecte-se na forma como foi projectada a imagem de África nesse contexto.

Os jornalistas através das fronteiras nacionais partilham *valores-notícia* semelhantes e suportam a proposição de que os jornalistas são uma “comunidade interpretativa” transnacional. Ao seleccionarem os acontecimentos e assuntos para tratamento jornalístico, o jornalismo tem o poder de dar vida a esse acontecimento através dos enquadramentos dados aos temas, e oferecem definições da realidade e contam “estórias”. Estamos assim, perante uma imagem refractada, que passa como vimos, pela cultura jornalística e pela teoria do agendamento. Os *media*, numa primeira fase, dizem-nos *sobre o que pensar*, mas, numa segunda fase, também nos dizem como *pensar sobre isso*, quando valorizam certos atributos de um acontecimento em detrimento de outros, como foi o caso das inúmeras referências, mais negativas do que positivas, ao continente africano e aos seus líderes, que verificámos através da Análise de Conteúdo.

África continua assim a ter uma imagem projectada para o subde-

envolvimento e pessimismo. Apesar de ser muito esquecida nos *media*, a II Cimeira conseguiu dar visibilidade a este continente. África tem vindo a procurar soluções para os seus problemas e procurado estratégias para se reafirmar no contexto internacional, procurando alterar a sua imagem no seio das Relações Internacionais. Mesmo assim, a dependência externa continua a marcar o continente africano, condicionando a sua autonomia e dificultando a resolução de muitos dos seus problemas, ao mesmo tempo que estes, ainda constituem uma séria ameaça ao desenvolvimento.

África é um continente muito complexo, tanto do ponto vista político, económico, social e cultural. Tudo o que se passa neste extenso território não é só negativo, e apesar de muitos problemas subsistirem, é preciso rever a percepção que se tem deste continente.

## 6 Bibliografia

- CASCAIS, F. (2001), *Dicionário de Jornalismo: as palavras dos media*, Lisboa, Verbo.
- CRUZ, J. (2002), *Introdução ao Estudo da Comunicação – Imprensa, Cinema, Rádio, Televisão, Redes Multimédia*, ISCSP.
- CRUZ, C. (2008), *A Telerealidade – Uma abordagem hermenêutica da Construção Social da Realidade pela Informação Televisiva de Actualidade*, ISCSP, Lisboa.
- CARMO, H., FERREIRA M. (2008) *Metodologia da Investigação – Guia para Auto – aprendizagem –*, 2ª Edição, Universidade Aberta. (1962) [1944]
- GALTUNG, J., RUGE M. H. (1999 [1965]) “A Estrutura do Noticiário Estrangeiro: A Apresentação das Crises do Congo, Cuba e Chipre em Quatro Jornais Estrangeiros” in TRAQUINA, N. (1999) (org.), *Jornalismo: Questões, Teorias e “estórias”*. 2ª Edição Vega, Lisboa, 61-73.

- KISSINGER, H. (2002) “Políticas de Segurança e Defesa em África e para África, – O papel das Organizações Regionais Africanas”, in BETHENCOURT, J. M. (2008), *Revista Militar*, nº 5, Vol.60, 586-606.
- LAGARDETTE, J. L. M. (1998), *Manual de Escrita Jornalística*, Editora Pergaminho.
- MOREIRA, C. D. (1994), *Planeamento e Estratégias da Investigação Social*, Lisboa, ISCSP.
- NAMER, G. (1976), *Guia alfabético de Comunicação de Massas*, Edições 70, Colecção Praxis, Paris.
- QUIVY, R., CAMPENHOUDT, L. V. (1998), *Manual de Investigação em Ciências Sociais*, Gradiva, Lisboa.
- ROMERO, A. (1991), *Metodologia da Análise de Conteúdo*, Lisboa, Universidade Católica portuguesa.
- VALA, J., MONTEIRO, M. B. (2000), *Psicologia Social*, Fundação Calouste Gulbenkian, 4ª Edição, Lisboa.